C. VIVEIROS

O SONHO DO PHILOSOPHO INTEGRALISTA

1935

TEN MAVRA

200

Custodio de Viveiros

O SONHO DO PHILOSOPHO INTEGRALISTA

1935
Livraria H. Antunes
Buenos Ayres, 133
Rio de Janeiro

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/
Deus - Pátria - Família

DO MESMO AUTOR:

O GOMES (romance realista, esgotado) — 337 paginas.

O PODER DA MULHER (romance esgotado) — 180 paginas.

A FORÇA DO PRIMEIRO BEIJO (romance apresentado ao concurso da Academia Brasileira de Letras, em 1924, no qual logrou ser classificado na primeira chave; não houve premio porque o concurso foi annullado. Este romance foi publicado em folhetim, no jornal "A Ordem", em 1929).

AS EVASIVAS DO CAPITAL ANTE A INVESTIDA DO TRABALHO! — Livro de sociologia traduzido pelo Bureau International du Travail, da Sociedade das Nações, segundo communicação feita, em officio de 21 de Julho de 1931, por seu Director, Monsieur Albert Thomas.

SI AMAS, DECIDE POR TI ! (romance) — 236 paginas.

AS TRES LUAS DE MEL (chronicas e contos) — 213 paginas.

A VIUVA DA RUA BAMBINA (romance) — 248 paginas.

S. EXCELLENCIA (romance) 2.ª Edição esgotada — 200 paginas.

CAMISAS VERDES — Conferencias e Chronicas — 185 paginas.

O SONHO DO PHILOSOPHO INTEGRALISTA — Romance critico.

THEATRO :

O CAMPOS NA CASERNA — Peça em tres actos, levada no Theatro Trianon, em 1916, pela Companhia Christiano de Souza.

NEM TUDO COMPRAMOS... — Comedia em 3 actos, a sahir.

A PLINIO SALGADO

meu Amigo e meu Chefe

ANTES DE COMEÇAR...

Ao apresentar este livro aos espiritos bem constituidos, seja-me licito fazer algumas ponderações a respeito do modo por que o organizei.

No Brasil, é commum attribuir-se ao autor a mesma maneira de pensar de seus personagens.

Como nas obras de Zola, o livro deve sempre reproduzir o sentimento do artista... Ora, isso não é exacto. Si o grande observador da desgraça humana em seus themas pertinazmente objectivava o proprio programma politico social que defendia, outros muitos brilharam nas lettras, fugindo completamente á escola do glorioso advogado de Dreyfus.

Balzac adoptou systema diverso, dando á personagem analysada as justas caracteristicas de sua indole. As duas mil personagens de seus romances teem vida propria, intellectualidade independente.

Anatole France já o havia notado numa admiravel chronica: "Les romans de Balzac servent d'autant mieux à l'histoire qu'ils ne contiennent pour ainsi dire, ni faits ni personnages historiques. Ceux-là, hommes et choses, ne peuvent que s'alterer et se dénaturer en passant de l'histoire dans le roman. Le romancier bien inspiré prend pour ses héros les inconnus que l'histoire dédaigne, qui ne sont personne et qui sont tout le monde, et dont le poète compose des types immortels. C'est ainsi qu'un poème ou un roman peut nous faire voir le peuple, la nation et la race, cachés souvent dans l'histoire par un rideau de personnages publics."

Eça de Queiroz, mais do conhecimento de nossa gente, seguiu tambem a mesma trilha; não fez propaganda romantica, impondo directivas pessoaes aos seus leitores, mas somente critica mordaz dos habitos da época, pegando os homens em flagrante delicto de ridiculo, focalizando, em instantaneos indeleveis, as attitudes comicas de individuos vaidosos e incultos, que procuraram dominar na vida portugueza através da ignorancia pretenciosa de um conde de Gouvarinho, da amoralidade repugnante de um Damaso Salcêde, da pilherica sabedoria de um Pacheco ou da inoffensiva estupidez de um Conselheiro Accacio...

Esta explicação se tornou necessaria pelo facto de certos individuos terem estranhado haver eu, no

romance "S. Excellencia", revelado tendencias de socialismo avançado, *sendo, comtudo, integralista convicto... Comprehendi que elles, naquella classificação, quizeram talvez emprestar-me idéas communistas...*

E a tanto se arriscaram porque cousa alguma tiveram a allegar contra a obra em si. Era preciso atacar o homem, já que o livro se defendia cabalmente pelas suas proprias paginas...

Faltando-lhes elementos para arrazar o Trabalho, procuraram diminuir o autor, o que é no Brasil um recurso supremo de mentalidades ôcas...

Naquelle romance as personagens existem e commigo conviveram na época em que o escrevi; eu não podia portanto desvirtuar a indole de meus typos. Photographei-os com honestidade, reproduzindo-os como eram de facto e não como eu desejava que fossem. Dahi o engano de certos leitores perfidos attribuindo-me o sentimento dos homens descriptos.

Nesta obra, segui as mesmas nórmas adoptadas no romance citado. Os individuos fallam por si e eu nada mais sou do que o reporter agil que annota factos e registra pensamentos alheios.

Para ser fiel na minha tarefa, não empallidecí a argumentação dos que não commungam com as minhas idéas. Fil-os violentos como elles são na rea-

lidade. Deixei-os fallar livremente, sem conduzir os dialogos de maneira a dar brilho a uma determinada personagem, mais do meu agrado.

Devo esclarecer tambem que a figura de Manuel, o sympathico portuguez do Palace-Hotel, não é uma invenção minha.

Si esse heroe transmontano falla atravessado, trocando o b pelo v, é que elle é assim mesmo. Não tem o facto o objectivo de menosprezar a raça, o que aliás seria estulticia de minha parte, descendente de lusos como sou...

Offenderia meus avós, o que importaria em offender a mim mesmo. Ninguem mais amigo dos bravos portuguezes do que eu, admirador que sou de suas nobres qualidades de coração, da sua formidavel capacidade de trabalho e do seu inegavel patriotismo. Esse grito constante que os atormenta — a Santa Terrinha! — e que a muitos serve de motivo para troça, é o que, a meu ver, mais distingue a denodada gente lusitana. O amor á patria, a perenne saudade do torrão, torna-os, entre os maus patriotas da época, excepções dignas de admiração.

Assim, pois, não ageitei os meus typos a meu gosto. Dei-lhes inteira liberdade de acção e de pensamento, apresentando-os como são na realidade.

Não estou falando aos criticos sinceros, porem

aos articulistas de pseudonymo que se julgam criticos, sem a necessaria competencia technica ou a indispensavel cultura para o fim proposto.

Aliás, não tenho queixa alguma dos legitimos criticos de minha terra. Elles sempre me trataram com excessiva fidalguia. Quando digo "elles", refiro-me aos cidadãos autorizados que assignam o que escrevem e não aos pequeninos invejosos, que agem no escuro, visando mais o individuo do que a obra.

Esses pigmeus das letras nacionaes, que fingem almoçar Hugo e Jantar Wilde, não me preoccupam.

Elles proprios se annullam no conceito publico, porque os espiritos sadios percebem logo o movel mesquinho que os orienta na campanha. Não ha homem ambicioso que não se arruine moralmente, se persiste em conviver num meio culto e generoso.

E porque agem esses rebentos do mal na treva das tocaias? Porque lhes falta capacidade para surgirem á luz da ribalta...

Não é facil criticar com convicção. A literatura mais forte é a critica.

Segundo Cuvillier-Fleury, "le critique est tour a tour orateur, philosophe, historien".

Anatole foi mais longe ainda, quando escreveu ao Senador Adrien Hébrard, desenvolvendo o pensamento de Cuvillier-Fleury: "Le critique est tout

cela, ou du moins il peut l'être. Il a l'occasion de montrer les facultés intellectuelles les plus rares, les plus diverses, les plus variées. Et quand il est un Sainte-Beuve, un Taine, un J. J. Weiss, un Jules Lemaitre, un Ferdinand Brunetière, il n'y manque pas. Sans sortir de lui-même il fait l'histoire intellectuelle de l'homme. La critique est la dernière en date de toutes les formes litteraires; elle finira peut-être par les absorber toutes. Elle convient admirablement à une société très civilisée dont les souvenirs sont riches et les traditions dejà longues. Elle est particulièrement appropriée à une humanité curieuse, savante et polie. Pour prospérer, elle suppose plus de culture que n'en demandent toutes les autres formes littéraires. Elle eut pour créateurs Montaigne, Sant-Évremond, Bayle et Montesquieu. Elle procède à la fois de la philosophie et de l'histoire. Elle remplace la thêologie, et si l'on cherche le docteur universel, le Saint Thomas d'Aquin du XIXe siècle, n'est-ce pas à Sainte-Beuve qu'il faut songer?"

Pois bem, esse Sainte-Beuve magistral e sem substituto, que a pujante cerebração de Anatole classificou como o São Thomaz de Aquino da critica do XIX seculo, foi arrazado por Edmundo e Julio Goncourt — os irmãos Goncourt. E não eram estes pigmeus nas letras, porem famosos romancistas, na capital do mundo.

E por que investiram os irmãos Goncourt con-

tra o Mestre?... Apenas porque Sainte-Beuve não deu attenção á obra delles, preferindo silenciar a critical-a.

Si mentalidades como as dos irmãos Goncourt não escaparam ao dominio de sentimentos baixos, o que não devemos nós esperar dos espiritos tacanhos que pretendem brilhar á força, não pela pujança dos argumentos puros, mas pelo recurso inacceitavel da alfinetada anonyma. Elles não veem de frente, com a lança em riste, trazendo na ponta da lamina a razão crystallina do raciocinio, porem pelas costas, de cocóras, guardando nos dentes cerrados o punhal envenenado, tal uma áspide sorrateira e manhosa.

O verdadeiro artista, quando lê a obra d'outrem, sensibiliza-se ainda mais com ella do que o proprio autor. O creador, não raro, afasta-se da idéa, sem perceber o desvio fatal, emquanto que o estudioso do seu trabalho a comprehende com nitidez e sente toda a força do pensamento que fôra apenas esboçado.

Sem leitura sadia, sem base para comprehenderem o que os outros escreveram, atiram-se muitos homens á mais difficil das artes — a critica — não com o fim nobre de melhorar e corrigir o espirito humano, porem com o intuito ambicioso de apparecer, dando ao publico uma impressão de alta cultura, que não possuem.

Parece que atravessamos a época caracterizada pelo Tiers État, *a que se refere Philarète Chasles, quando todos pretendiam o renome de homens de letra...*

"Tout le monde aspira à cette distinction de l'esprit, à cette supériorité, vraie ou pretendue, des facultés intellectuelles."

Vivemos em pleno Tiers État... *Si áquelle, porem, pertenciam os que não tinham raizes na nobreza e no clero, ao nosso pertencem todos os individuos que se arrogam o direito de pegar uma caneta e rabiscar tiras de papel.*

E é interessante salientar a attitude que elles tomam quando investem contra a obra alheia, certos de que encarnam o espirito de Hugo e molham a penna na ironia inimitavel do Eça... Como são ridiculos e tristes quando invejam os vicios de Wilde ou pretendem o bom humor de Cervantes... O publico já os comprehendera, antes mesmo que apparecessem na liça, com as suas lanças enferrujadas e os seus capacetes de papelão...

Os nossos pseudo criticos querem reviver a intelligente campanha dos homens que fizeram a reforma em Portugal. Terão elles, porem, a cultura dos que a sustentaram? Serão esses criticos anonymos, que não assignam as preciosidades que publicam, eguaes a Ramalho, Anthero, Eça, Antonio Candido,

João Penha, Arnoso, Castilho e tantos outros? Serão elles, quem sabe? uma segunda edição de Beyle de Flaubert, de Zóla?

Os lutadores de lá visaram idéas novas e não personalidades. Seu intuito foi adaptar a literatura ao progresso social da época, emancipando-a do caracter lendario que a impregnava.

Entre nós, porem, não surgem commentarios em torno da obra propriamente dita, mas ataques cerrados á individualidade que a assigna.

E quando, por acaso, pretendem penetrar no amago da obra, não é para a analysar sob um sentido philosophico, mas para determinar, no batalhão dos vocabulos, que alguns recrutas deveriam estar de lado e não de frente...

E quem não escrever á moda de Camões, dando aos pronomes o seguimento linear de uma formatura militar e á frase a pesada inversão do estylo classico, recebe logo na pia baptismal dessa igrejinha occulta — o titulo pomposo de asno — digno do desprezo das grandes mentalidades...

Victor Hugo nunca desprezou o esforço alheio por mais insignificante que elle fosse, affirmando que ha sempre alguma cousa a aprender, mesmo dos tolos...

Para os grandes espiritos, o mundo comprehen-

de toda a humanidade, porque o soffrimento é universal.

Os individuos destituidos de belleza moral, com um coração impulsionado por um sangue vil, acceitam ou recusam a idéa apresentada conforme a importancia do typo que a lançou no mercado ou segundo a sua sympathia pelo mesmo.

São homens da força daquelles que bateram palmas ao deconhecido autor de "Vivian Grey" porque o julgavam um aristocrata disfarçado, e, quando souberam que o cinzelador da obra era um humilde judeu, perdido na poeira de um cartorio, arrazaram o infeliz, logo classificado de insolente!... Para mais tarde, quando esse mesmo judeu, já membro da Camara, derrubava o Ministerio de Roberto Peel, aclamal-o enthusiasticamente, pondo, no suave appellido de Dizzy, todo o bafio de uma bajulação sordida.

A historia não é, como bem frizou Zweig, apenas o relato da coragem humana; ella é tambem a historia da covardia dos homens... A vida dos Fouchés que se protegeram com a túnica de S. Francisco de Assis...

Não convem, portanto, perder papel e tinta com personalidades desse quilate. porque ellas trazem comsigo mesmas o toxico que as destruirá no tempo opportuno.

Nada deixarão para a posteridade. Dellas ficará, durante poucos annos, a recordação de uma obra heterogenea, sem methodo, que se irá diluindo como o nevoeiro, porque, em geral, as idéas que espalharam foram furtadas, e volvem mui naturalmente ao dominio dos seus primitivos donos...

Restará delles apenas a fugidia sensação do triste papel que fizeram, como persiste, muitas vezes, no sub-consciente dos homens, a confusa lembrança das gaiatices do primeiro palhaço que viram...

O AUTOR

O varão justo, que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deserto monte
Faz que rebente crystallina fonte
Da arida penha.

(Corrêa Garção)

O PHILOSOPHO ADORMECE...

I

O SONHO DO PHILOSOPHO INTEGRALISTA

Quem não conhece o azul do céo da Hespanha, lavado, com tonalidades de agua de anil; quem jamais viu brilhar o sol naquella terra, a trespassar o seio esmeraldino dos bosques; quem ainda não contemplou a agonia de uma tarde de Maio na patria das castanholas enfeitadas, não pode imaginar o que seja a belleza estonteante de um poente hespanhõl.

Foi o que Goulart de Andrade comprehendeu e sentiu ao cinzelar a obra de Enrique Larreta: «O sol se ia occultar. Vago perfume de alfazema e de tomilho subia dos barrancos. Era uma tarde quente e calma.

O céo, o valle, o casario, tudo tomava uma coloração de purpura diluida.

Até o cypreste tinha nó lado do poente uns toques vermelhos nas ramarias escuras».

Foi num desses maravilhosos dias de Maio, em Valladolid, que Perdigão ouviu, dos labios frouxos de uma hespanhola anafada, a seguinte sentença:

—« Desea usted saber cual la grande desdicha del genero humano?...

E concluiu, de mãos nas cadeiras:

—« Tres muchos y tres pocos. Mucho hablar, poco saber. Mucho gastar, poco tener. Mucho presumir, poco valer».

Ao lado, um homem velho, esguio, magro, uma especie de esqueleto enluvado na propria pelle, com longas barbas de um branco queimado, retrucou:

—« Por lo que toca á los hombres — cuanto peor, mejor...»

Sem possuir o espirito philosophico de Renan, que ouvia os pobres de espirito para aprender a verdade das cousas, Perdigão pegou o lapis e annotou a observação profunda da hespanhola gorda, bem como a resposta revolucionaria do velho sarraceno.

Releu-as depois, sorrindo. Guardou o caderno com cuidado, apalpando o casaco por fóra, para bem sentir o volume no fundo do bolso, e continuou o passeio interrompido.

Influenciado pela briza saturada de aromas silvestres, Alonso Perdigão — *o touriste* — inclinou a fronte larga e entregou o espirito ao consolo da meditação.

A morrediça refracção solar banhou-lhe as faces pallidas, dando aos seus cabellos pretos reflexos de ebano polido.

E, como na chapa, pela acção forte dos reactivos, surgem lentamente as linhas definidas da imagem photographica, em seu cerebro, pelo calor dos pensamentos, reviveu a figura gordurosa da mulher de Valladolid... E a phrase por ella proferida mais uma vez ecoou em seus ouvidos: «mucho hablar y poco saber...» Logo secundada pela voz do velho: «Por lo que toca á los hombres — cuanto peor, mejor...»

Perdigão procurou a sombra convidativa de uma arvore e sentou-se num banco de pedra, em cujo limo o philosopho ainda julgou perceber o prurido nervoso de D. Quixote e as manchas oriundas do toucinho de Sancho...

Recostou a cabeça á dextra e deixou o espirito desprender-se da materia; voar através dos oceanos, ao impulso inconstante das rajadas traiçoeiras.

Em pouco tempo alcançou as costas pinturescas da Republica de Santa Cruz; as niveas praias do seu littoral, pontilhadas de coqueiros tortos, que abrem ao sol as palmas queimadas...

Depois, seduzido pela exuberancia da natureza, penetrou no interior do paiz e percorreu as mattas virentes, que representam bem a alma do sertanejo impolluto.

Contemplou as ramarias dos piquiás, que ensombram uma vegetação delicada e pauciflora, e foi, sempre conduzido pela aragem morna, atravessando logarejos, villas, cidades, até entrar em Guanabara, a mysteriosa capital onde nascera.

Seu espirito arguto, afeito ás conclusões frias da logica, prescrutou a massa humana que atulhava as ruas centraes da *cidade maravilhosa* e foi colhendo, nos grupos vadios, aqui e ali, opiniões espontaneas sobre os homens de governo, sobre os politicos partidarios e ainda a respeito da grey que cerca essa gente autoritaria, e que vive a pedir uma codêa em troca de um servilismo inaudito.

Desde as remotas épocas da formação grega que se não presenciava tão acrysolado cynismo!

O Congresso de Santa Cruz! Um conjuncto de sachristães a dizer eternamente Amen aos sermões do arcebispo palaciano...

O philosopho sorriu ao lembrar-se da critica de J. P. Pagés sobre taes homens. Elle, que escrevera isto: «O legislador venal ou servil, que acredita illudir a liberdade presente, dá um motivo a mais para uma revolução futura. As nações só devem temer uma cousa — é a corrupção feita á custa do dinheiro. Nenhum orçamento é capaz de corromper um povo; mas a corrupção moral, aquella que esgota ou envenena todas as fontes das bôas e bellas acções, que embriaga as almas, desbota os corações, gangrena as intelligencias; que deixa os homens sem religião, sem moralidade, sem nenhum sentimento de justiça, do bem, da honestidade, e que, fazendo do interesse pessoal e dos prazeres materiaes o unico fim da vida, atira um povo, como um cadaver, sob os tacões de todas as tyranias...»

O philosopho divisou, na sua mente febril, o Palacio do Congresso. Viu, em frente ao mesmo, de braços cruzados, de costas para o plenario, a

figura mascula de um grande cidadão de bronze, firme no local em que fôra enforcado para mostrar ao povo ingenuo o logar em que elle proprio era tambem estrangulado aos poucos.

— Sois vós os responsaveis pela situação afflictiva da republica! disse elle, de dentes cerrados. Olhae para dentro de vós mesmos e lá encontrareis todos os *deficits*, todas as patifarias que recheiam o pastelão official.

Perdigão, bastante agitado, accendeu um cigarro. A fumaça, abrindo-se em espiraes, foi sendo levada pelo vento. O fumo é um elemento indispensavel ao pensador.

Perdigão attribuiu todo o mal á falta de cultura da representação popular. Achou pilherica a idéa liberal democratica que dá ao povo o direito de dirigir-se a si mesmo.

Sacudiu os hombros e fallou ao tempo:

— Povo não dirige — é dirigido.

E dirigido pela soberania da razão e aristocracia da cultura, como queria o velho Bonifacio.

— « Mucho hablar, poco saber »... repetiu elle. E' esse o resultado das camaras liberaes democraticas!

Emfim, pensou Perdigão, ha sempre constancia na variedade... E a constancia, nessa variedade de delictos, é o progresso.

Os homens foram barbaros e matavam os fracos. Depois, progredindo sempre, escravizaram os debeis.

Os que morriam antes passaram a trabalhar. Já foi um progresso...

O philosopho perdoou-os, aos politicos nefastos, em homenagem a Gall, que attribuia a maioria dos caractéres moraes ás proprias disposições do cerebro. A inclinação para o roubo, a *ruina moral*, são o resultado do desdobramento mais ou menos pronunciado de certas porções da massa cerebral. Assim, pois, o homem é uma especie de machina, na qual algumas molas fazem mexer as peças.

— Pobres diabos! disse. Que entenderão elles por politica? Certamente tudo que seja contrario ao bem publico. E' a politica de Hobbes e de Plauto.

Para taes homens, Santa Cruz não vae além dos interesses do partido. Elles desconhecem a idéa totalitaria, que abrange os interesses varios do paiz e não percebe as ambições regionaes.

E, concordando com Rousseau, achou tambem que todo o homem vadio é um velhaco — *un fripon.* O philosopho reconheceu que a politica partidaria, a que despoja o cidadão de sentimentos de dignidade, obrigando-o a tornar-se um advogado mesquinho dos imperativos de seu ventre, dominava na representação de sua patria.

Elles só faziam obra improductiva, fóra da classificação de J. B. Say, que determinou as tres especies de trabalho productivo — o dos sabios, o dos industriaes e o dos operarios.

No esforço dos sabios, Say incluiu todo o labor em prol de um fim scientifico, toda a tentativa em favor do engrandecimento das letras, toda a labuta que vise melhorar ou educar a sociedade. No emprehendimento das industrias, estão comprehendidas todas as diligencias que teem por escopo facilitar a vida humana.

No suor dos operarios, elle divisou a argamassa que consolida as iniciativas brotadas no espirito dos sabios e realizadas pela industria.

Os politicos de sua patria, fragmentos de partidos egoistas, escrinios de mentalidades acanhadas, não poderiam jámais apresentar ao povo trabalho productivo. Ao contrario, o philosopho os

distinguia como um cardume de piranhas a comer soffregamente tudo quanto o sabio inventa nos gabinetes, a industria organiza nas emprezas e o operario executa na officina.

Liberal democracia! Regimen pandego que, se não traz comsigo para medir a justiça de seus actos uma regua e um compasso, possue comtudo afiados dentes, promptos a devorar o fructo saboroso do trabalho alheio.

Liberal democracia! gemeu Perdigão. Onde a tua justiça? Tu, que elaboras os codigos como se construisses uma casa de *rendez-vous* — abrindo nos fundos uma portinha de sahida...

Liberal democracia! Tu, que endeusas os poderosos e opprimes os pequeninos! Como és ridicula quando fallas em nome da Moral!...

Perdigão recostou a cabeça no tronco da arvore que crescia por detraz do banco de pedra. Cerrou as palpebras. Na confusão das idéas, elle percebeu um grande circulo de fogo, tendo ao centro uma figura parecida com um E maiusculo...

O philosopho sorriu, satisfeito. Seus labios tremeram e elle proferiu uma frase, baixinho, emocionadamente: — O Sigma!...

Naquelle symbolo de virtudes, especie de pharol a illuminar a agonia dos barcos perdidos no pelago da desordem, estavam concentradas todas as esperanças de sua raça castigada.

Povo infeliz, o meu! disse. Preso ás garras de aperfeiçoadissimos Fouchés... vae servindo de cobaia a todas as experiencias dos adventicios ambiciosos. Dos curiosos estadistas que não podem dirigir-se a si mesmos e surgem no scenario da vida nacional com fumaças de dirigir a economia dos outros, como se dirigir a economia publica fosse apenas confiscar uma parte dos productos para vender por conta propria...

O philosopho adormecera. O chapéo tombára-lhe das mãos brancas e magras.

Perdigão sonhava. Sonhava que percorria as ruas de Santa Cruz, parecendo-lhe, ás vezes, que estava em Paris... E' que, ao chegar ao bairro dos cinemas, se lhe deparou o monumento do «Soldado conhecido». Era uma columna larga, achatada, especie de lousa funebre, com dizeres luminosos, mostrando ao povo quanto é forte a ambição dos homens, que arrancam de graça o que a outros custa muito caro...

E Perdigão, intrigado, indagou de um transeunte:

— O' moço! pode dizer-me em honra de quem foi erigido este monumento vertebrado?

O homem olhou-o de alto a baixo, admirado, e, julgando-o um forasteiro, respondeu respeitosamente:

— De uma senhora muito popular.

— E como se chama ella, por favor? inquiriu Perdigão.

— D. Negociata, informou o homem, a sacudir os labios para ageitar a dentadura.

Perdigão contemplou a columna luminosa, admirado de que tivessem, em sua terra, para homenagear tão grande personagem, construido obra tão mesquinha!

— Merecias dos homens mais gratidão! pensou o philosopho.

E rodeou a columna, de chapéo na mão, balanceando a cabeça, profundamente entristecido com a falta de reconhecimento de seus patricios pela pobresinha a quem quasi todos deviam a felicidade da fartura.

Le dogme catholique grandit l'intelligence humaine, en la transportant dans les régions supérieures d'une science inaccessible à la nature.

(Monsabré — Amen — Synthese et Conclusions).

O primeiro choque...

II

Em Valladolid, o espectaculo era grandioso. O crepusculo envolvera os morros longinquos, que já não appareciam numa orgia de fogo como se boiassem num oceano de purpura, porém maculavam os horizontes, ainda levemente alaranjados, com grandes manchas arroxeadas.

A brisa trazia dos campos um aroma activo de feno. Baixára sobre a campanha, havia pouco faiscante, uma sombra mysteriosa, que convidava á prece.

Perdigão dormia. A fronte alta, muito pallida, completava o seu perfil intelligente de linhas definidas. Ali estava apenas o corpo, porque a alma fugira para Santa Cruz e vagava pelas ruas de Guanabara, em busca de mais fortes emoções. Áquella hora, encontrava-se ella com um velho conhecido — o Dr. Cunha, o *Cunha da Sorte,* como o chamava o povo.

O balofo professor estendeu-lhe os braços:

— O' Perdigão! Você, por aqui!... Fazia-o na Hespanha...

— Lá ficou apenas a misera materia, revidou-lhe o philosopho, apertando-lhe os dedos gordos.

— Então você já não está mais integral, pilheriou o Dr. Cunha.

Perdigão sorriu:

— Vocês, communistas, não comprehenderam ainda o que seja integralismo. Integral, em nós, é o espirito. A materia, que constitue a base de sua doutrina, é para nós como um envolucro sem importancia. Vale, nessa grandiosa obra que é o homem, tanto como a capa bichada de um livro de conceitos profundos...

— No emtanto, replicou o medico, todos os povos materialistas, que só se preoccupam com o envolucro, com a capa bichada, estão hoje na vanguarda da civilização... Marcham á frente das elites humanas....

— Aponte-os, rogou Perdigão, puxando uma bôa tragada do seu palhina de rolo perfumado.

— A Russia! gritou o Dr. Cunha, de faces infladas, narinas dilatadas, crescendo ainda mais

dentro da epiderme luzidia, ao influxo de um orgulho gazoso.

Perdigão fitou-o demoradamente:

— A Russia... diz você.

— Sim, a Russia, repetiu o Dr. Cunha, firmando a perna para o revide certo.

O philosopho chegou-se a elle um pouco mais:

— Admittindo mesmo, como veridicos, os coefficientes de producção annunciados, chama você, por acaso, de civilização um numero elevado de tractores ou a grandiosidade de um avião? Chama você, de civilização, os indices materiaes da industria? E que nome daria, o amigo Cunha, a tudo que provém da sensibilidade delicada do espirito? Você devia ler Xavier de Maistre para comprehender que a grande arte de um homem de genio é saber educar bem a sua Besta, afim de que ella consiga marchar sosinha, emquanto o espirito, livre de tal companhia, purificado na sua essencia, possa elevar-se até o céo. Esse pensador affirma que o homem é um composto de uma Alma e de uma Besta, as quaes são absolutamente distinctas, mas tão entrosadas uma na outra, que só quando a Alma adquire forte superioridade é que consegue distinguir-se da Besta.

Lá, na sua Russia decantada, vocês mataram o espirito, isto é, a delicadeza do sentimento, e deram á materia privilegios soberanos que lhe estabelecem o direito de saciar todas as suas paixões inferiores.

Mesmo atraz de centenas de tractores, de milhares de aviões monstros, vocês cada vez mais se afastam da civilização. O poder material, *seu* Cunha, não raro separa o homem da verdadeira civilização, porque esta é simplesmente uma consequencia da grandeza espiritual, e a grandeza espiritual só advem de um coração generoso, a serviço de um cerebro artistico.

Entre um homem que machuca uma creança com o seu automovel aperfeiçoadissimo, e continua a viagem, e o maltrapilho que a recolhe, commovido, não ha que hesitar — o civilizado é o ultimo.

— O' *seu* Perdigão! fez o Dr. Cunha. Não me diga que o progresso é incompativel com a civilização. Não, assim é demais!

— Incompativel não é, explicou Perdigão, mas o primeiro não prova a segunda. Olhe, *seu* Cunha, eu considero a America um paiz adeantadissimo, materialmente, e, todavia, ainda muitos seculos atraz da França, quanto á civilização. Veja a tendencia

dos povos. Na America, as competições são brutaes — o *box,* os torneios de força, do homem contra o animal. O heroe é aquelle que dobra o pescoço de um garrote pelos chifres. Na França, as competições *sportivas* são mais elegantes. E' o tennis, a corrida de cavallos... No dominio do espirito, as exposições de arte, os concursos da Sorbone, as conferencias scientificas.

— O que o desgosta, philosopho, prova a força da raça americana, que escapou á morphina das pieguices greco-latinas... respondeu o medico.

— Diga antes, emendou Perdigão — a Besta desorientada, livre do poder do espirito; desconhecendo a sensibilidade artistica que fixa no homem os pontos basicos de todas as iniciativas que beneficiam a Humanidade.

— E pretende, você, por ventura, Perdigão, dominar tal Besta com o seu integralismo?

— Não será preciso laçal-a, *seu* Cunha, pois a camisa verde indica que o espirito do homem que a veste já poz ha muito o cabresto na alimaria... O homem integralista é o cidadão novo que logrou despir-se de todas as ambições vis para avançar de braço dado com a Honra, no caminho largo que a Dignidade illumina.

O Dr. Cunha agitou-se. Rodou duas vezes no mesmo logar, como um galló velho que ainda pretende expandir o nervosismo amoroso, e investiu brutalmente contra o amigo:

— De braço dado com os padres é que é... com os seus inseparaveis companheiros de tyrania religiosa; seguindo os mesmos caminhos erroneos que levaram outros povos á confusão e á ruina!

Perdigão não se alterou. Mirou o medico com piedade, de alto a baixo, como se procurasse descobrir o logar exacto onde elle occultava o manancial de asneiras. Depois, puxando-o pelo botão do casaco, explicou-lhe delicadamente, sem alteração de voz ou emphase suspeito:

— A doutrina integralista, *seu* Cunha, basêa-se nos principios da civilização christã. E' uma doutrina politico-social e não religiosa. Não está subordinada a nenhuma igreja e nem procura subordinar-se a igreja alguma. Comtudo, respeita o culto a Deus e estabelece a linha exacta da collaboração entre a Igreja e o Estado.

— E vocês não recebem auxilio da igreja? perguntou o medico, ironico.

— Recebemos, confirmou Perdigão. Mas não

o que você insinua — dinheiro — Recebemos o conforto moral dos que veem em nós os lidimos salvadores dos principios que outorgam a legitima ventura.

O medico não se sentia bem. Faltava-lhe capacidade intellectual para arrazar o philosopho e isto o irritava. Elle, tão grande, tão volumoso, e sem as armas da cultura para enfrentar o cidadão pequeno que o esmagava, com olhares de infinita bondade.

— Olhe, Perdigão, disse afinal, soprando forte, eu prefiro ficar do lado de lá, onde não existem fronteiras, onde tudo é internacional. Prefiro ficar com a Humanidade, a prender-me a este egoistico preconceito de Familia, que se dilata no egoismo das communhões, criando as patrias isoladas, sob o dominio de tyranos.

Perdigão começou a rir. O medico, intrigado, fitou-o com desconfiança. Aquelle olhar de pontaria representava a fumaça do estupim prestes a estourar....

Perdigão riu mais alto, gosando a ingenuidade dos cerebros mancos que pretendem percorrer os caminhos accidentados da philosophia sem as muletas do raciocinio baseado.

Finalmente, parou de rir. Segurou o amigo pelo braço e disse:

— Cunha, você precisa ler, assimilar e ler de novo... Afinal de contas, você tem responsabilidade — é um homem formado...

O medico franziu a testa.

— Porque diz isso? Acha-me burro? Ignorante? Cretino, talvez?

— Não digo, burro, já se vê; nem o considero cretino, é certo... ponderou Perdigão, mas um pouquinho ignorante das cousas que discute. Esse collectivismo que você defende, *seu* Cunha, cria a escravidão humana. No collectivismo, o homem se torna tão insignificante, tão sem valor, que elle nunca poderia cogitar de antepôr-se á arrogancia dos outros. E, como resultado logico, surgiriam logo os tyranos espertos, cujo dominio você tanto receia. A Familia, meu caro medico, que você considera um preconceito egoistico, é o desdobramento de você mesmo. E' ella que traça, em torno do homem, as divisas que o impedem de projectar-se no vasio, envenenado pelos sentimentos inferiores.

No terreno sentimental, tudo que é collectivo

se dilue; tudo que é privado se aprimora. O' Cunha! você devia emmagracer o corpo e engordar mais o espirito.

O medico mordeu os labios. Espiou o philosopho de banda, como se procurasse o logar apropriado para depositar o troco daquella alfinetada dolorosa.

Como todos os homens que raciocinam com as mãos e com as bases e não com a massa cinzenta, em vez de destruir o argumento com outro identico, limitou-se a esmurrar o espaço e dar patadas violentas no lagedo.

Os que passavam perto sorriam, achando graça no contraste physico daquelles homens. Um, muito gordo e alto; o outro, só nervos, pequenino.

O Bastinhos do «Correio», que conhecia a ambos, soprou a um amigo que o acompanhava ter visto, numa tarde calma e quente, a Rethorica fôfa discutindo com a Synthese scientifica...

O philosopho e o medico se achavam bem perto da estatua do marechal, do homem que, em vida, tudo fizera para afastar os monarchistas republicanos, e, depois de morto, lutava ainda, de espada em punho, contra o assalto dos que, sem

pedir licença, lhe invadiram o refugio da gloria, procurando o prestigio publico á custa de seus bordados.

O dia fôra muito quente. O aspecto fatigado dos passantes denunciava que o thermometro subira a mais de 30. Aliás, o philosopho já havia determinado a temperatura pelo collarinho do amigo Cunha.

Os autos buzinavam nervosamente pelas avenidas pedindo uma passagem imaginaria, engalanando o ar parado com diaphanas cortinas de bacillos enfumaçados.

De uma colossal gaiola architectonica, chegavam sons surdos, ameaçadores.

Perdigão olhou o céo, buscando o lado da trovoada.

O Dr. Cunha disse-lhe, porém, que o tufão soprava da banda do Palacio Municipal da provincia, onde se preparava o leilão da cidade.

Perdigão alarmou-se, mas o medico acalmou-o, logo, affirmando que o leilão não se realizára ainda por terem desapparecido os lotes, durante a eleição.

—O chefe dessa gente? quiz saber Perdigão.

—O chefe é um homem de coração largo;

não sabe dizer não a ninguem. Elle não tira para si, mas os seus amigos são insaciaveis, abusam da sua benevolencia, compromettem-no em tudo. E' uma lastima!

— E o barulho que ouvimos, que significa? perguntou Perdigão.

— São os gemidos do Commercio, nos ultimos estertores, ou, então, o ensino religioso na ordem do dia, lá no plenario...

O medico não admittia a medida.

— Uma immoralidade! disse. E citou Voltaire... O espirito religioso deve ser destruido.

E, com as gordas mãos espalmadas, definiu-o: — nefasto!

Perdigão achou que tal opinião era nociva. E affirmou que quem destrói a religião de um povo subordina-o ao imperio dos seus proprios instinctos. E os instinctos humanos são deploraveis!...

Perdigão accendeu outro cigarro, olhou na direcção da casa bulhenta e ponderou, calmamente:

— No nosso regimen tudo isso acabará! O governo municipal será a vontade lidima das classes.

Os espoletas graúdos, que de fóra temperam a comida, morrerão á mingua de importancia.

Nem peixadas, nem açougues de emergencia, nem *sandwiches* ou *chopps* influirão. E' a classe que directamente escolherá, seu Cunha! Você térá a verdadeira voz da cidade, da cidade que trabalha.

— Pobres trabalhadores! fez o medico, ironico.

Perdigão comprehendeu-o...

— Esses serão felizes, O' Cunha! porque o operario, com garantia de salario e interesse nos lucros, na proporção de sua capacidade e bôa vontade, deixará de ser o que é — um mero objectivo de exploração politica. Passará para o circulo dos homens livres. Elles encontrarão o caminho aberto para subir. E, desde que mereçam, pelo esforço e pela dignidade, chegarão até o governo, hoje um privilegio apenas dos caudilhos.

Nós não dizemos ao operario que elle deve odiar o seu patrão, mas o aconselhamos a respeital-o. Nós não dizemos ao patrão que desconfie do seu empregado, mas o incitamos a estimal-o.

— Palavras, Perdigão, palavras sómente, protestou o medico. Vocês ainda andam no terreno da poesia, emquanto nós já alcançamos a prosa realista...

Perdigão concordou com a cabeça.

— Bôa expressão... prosa realista... E para que os trabalhadores não debandem, pela força do estylo, vocês lhes puzeram um solido cabresto...

O medico desarticulou-se todo. Parecia uma pyramide de latas de banha ameaçando ruir.

— O' Perdigão! Não chame de cabresto o principio de autoridade. Não diga que o trabalho obrigatorio em beneficio da communhão seja um freio posto aos queixos do individuo. Você é um philosopho; tem responsabilidade; precisa ler e meditar...

Perdigão percebeu o revide tardio. Não se amofinou, porém, com o aviso,, e respondeu tranquillamente:

— Foi o que eu fiz, Cunha... Meditei sobre o que li e não li, apenas, como você... Principio de autoridade não é o que você pensa — a servil obediencia de uma classe pelo medo do chicote de um fiscal inimigo. O homem disciplinado é o que obedece por estima; o que estima porque respeita; o que respeita porque comprehende e avalia. Precisamos, para podermos decretar normas que beneficiem ao proximo e sermos por todos obedecidos, de autoridade moral propria. O homem moderno acredita mais no cidadão que fala do que

no sentido das palavras que elle profere. A disciplina vem da hierarchia digna; esta da confiança; de ambas a ordem e a paz.

Uma forte algazarra quebrou a quietude da tarde. Acabára a sessão no Palacio Municipal. O povo sahia em lotes. Eram as opiniões politicas que se congregavam. Discutia-se de novo na rua o que já havia sido burlescamente mastigado no plenario. Os representantes da cidade falavam de todos os assumptos, menos dos factos relativos ao municipio. Um padre, com olho maroto, recebia as homenagens dos candidatos á guarda pretoriana de S. Pedro. Não dizia *não* a pessôa alguma; a todas promettia com um gesto amigo, que de longe poderia parecer uma bençam pontifical.

— Olá, Cunha, gritaram de um grupo que passava.

O medico poz a mão sobre os olhos, em palheta: — Ah! E' você, Segismundo... Venha cá...

O cidadão approximou-se. Estava suado, com olheiras.

— Então, meu velho, esse projectosinho indecente do ensino religioso?... Cae a bandalheira ou não?

— Passou!... disse Segismundo, com os braços abertos.

— Para o bem de nossa raça, ajuntou Perdigão.

O Dr. Cunha aproveitou o momento para apresentar o amigo:

— Olha, Segismundo, este é o Perdigão, o philosopho.

Segismundo aprumou o corpo, como se houvesse levado uma descarga electrica. O nome de Perdigão soou-lhe aos ouvidos tal o toque do clarim que annuncia a vanguarda do inimigo á vista... Segismundo era communista vermelho, homem com a mentalidade de Joseph Fouché ao entrar na cidade de Lyon, em 1793. Para elle, todas as crueldades commettidas em nome da politica social que pregava representavam o adubo pôsto na raiz de um arbusto debil. Segismundo dividia o sentimento em duas classes distinctas: o devido á propria familia e o que poderia ser concedido á familia dos outros...

Ao lhe ser apresentado o homem que tantas preoccupações lhe dava, sentiu que, naquelle instante, começava a maior batalha da sua vida.

Comtudo, estendeu a dextra ao philosopho, que a não apertou por haver erguido o braço:

— Anauê!

Segismundo vexou-se e, para dar expansão á raiva subita que lhe toldára o cerebro, gritou tambem:

— Salve!

O amigo Cunha percebeu que a trovoada estava prestes a arrebentar e, prudentemente, interveio na conversa, refrescando o ambiente:

— O Segismundo é o sub-chefe da 10.ª Secção da Guarda Pretoriana.

— Ah! fez Perdigão, examinando-o melhor. E quem é o chefe? indagou.

— O' doutor Perdigão!... Não conhece ainda o nosso grande chefe?

Perdigão limitou-se a pedir que lhe eliminassem o titulo de doutor.

— Não é formado? quiz saber Segismundo.

— Graças a Deus! disse o philosopho.

Os companheiros entreolharam-se, indagando um do outro qual a resposta que deveria ser dada. Foi afinal o Dr. Cunha quem advogou a causa do pergaminho ameaçado. Limpou o pescoço cuidadosamente, para que as roscas suadas não escorregassem demais no collarinho, e iniciou, accentuando bem

as syllabas, dando-lhes a sonoridade de uma goteira em fundo de bacia emborcada, a defeza do seu cartucho lacrado:

— Forma-se quem pode e não quem quer, disse. Forma-se quem possue capacidade mental para conversar com a sciencia, sentindo o seu perfume, penetrando os seus segredos nos varios annos de academia; subindo, degrau a degrau, em busca do pergaminho, que está no topo da escada...

— Escada ingreme, cheia de curvas, em que tropecei muitas vezes, ajuntou Segismundo.

O philosopho virou-se para elle, sério:

— Foi reprovado?...

— Nunca! berrou Segismundo.

— Então conseguiu uma cousa muito difficil, ponderou-lhe Perdigão — tropeçar de verdade numa escada symbolica...

Segismundo deu de hombros, irritado.

O philosopho deixou o Dr. Cunha findar com a defeza do diploma. Deixou-o falar na grandeza dos espiritos que conquistam a Sciencia bebendo, gotta a gotta, no alambique dos livros.

Quando o medico terminou, fatigado com o esforço, a limpar a testa com o lenço amarfanhado, elle replicou serenamente:

— O diploma, Cunha, é um conto do vigario passado na humanidade. Si todos o recebessem dignamente, vá lá que você o defendesse. Mas quantos por ahi andam que subiram a tal escadinha da sciencia de cócoras, tropeçando nos degraus, e, depois, com os joelhos feridos, as mãos a sangrar, veem para o convivio da sociedade incauta matar impunemente; operando appendicite pelas costas; baralhar as questões, causando prejuizos; construir pontes de rectas curvas, pondo a vida em perigo, o patrimonio publico em crise? Elles andam ás duzias, Cunha! E é o proprio ministro, alumno fraco do 3.º anno, que namóra a «média» que o levará ao quarto!... Isso tudo chama-se liberal democracia! Você é medico, não ha duvida sobre isso... Os attestados de obito que passa são garantias absolutas do seu curso, mas isto não significa que o ensino superior seja em Santa Cruz uma realidade scientifica.

Segismundo tornou-se grave:

— Com licença, doutor... Ah! desculpe-me, eu retiro o doutor... E' o habito. No Brasil, quem não é doutor, si não é ladrão, é estrangeiro... O Senhor foi muito injusto comnosco... Nós lutamos muito pelo titulo e ainda mais para fazer o titulo

funccionar. Meu primo, por exemplo.... O Zoroastro.... Lembras-te, Cunha?

— Sim, o Cunha lembrava-se bem do Zoroastro. O que puxava da perna esquerda e era louco por gente de côr...

Segismundo continuou:

— Foi um heróe, o Zoroastro. Estudava de noite e vendia refresco de dia, na praça publica!

Formou-se, afinal. Que sacrificio! A primeira questão que obteve, um anno depois, que alegria! Ia defender um bicheiro... Na hora em que iniciava as razões formidaveis para o « habeas-corpus », soltaram o raio do homem, que se recusou a pagar ao Zoroastro! Este, que se empenhára com um patricio do preso para as primeiras despesas, viu-se tonto.

Refugiou-se numa estalagem, protegido pela preta com quem vivia. Ia fugir para Minas, quando, felizmente, o elegeram vereador — salvou-se...

— Era, então, um dos que gritavam ha pouco? inquiriu Perdigão.

Segismundo assoviou:

— Desistiu da cadeira... foi nomeado chefe da 5.ª brigada de choque da Guarda Pretoriana. O Sr. comprehende... Aquillo ali, no Conselho, é uma espiga de 3 annos e a guarda é eterna. Só aca-

bará quando não houver mais ladrões em Santa Cruz, mas isso é mais difficil do que o motu-continuo...

— Realmente, o motu-continuo é muito difficil, concordou Perdigão.

O Dr. Cunha convidou-os a andar. Foram para os lados do Passeio, em busca de um banco. Os seus 115 kilos começavam a incommodal-o.

A conversa enveredou de novo para o terreno politico. Segismundo não comprehendia uma republica que vivesse para cobrir os *deficits* com a somma dos emprestimos e a pagar juros provocando os *deficits*.

Uma reacção salutar deveria sobrevir a tanto descalabro. Faltavam a Santa Cruz os homens energicos de 93... Robespierre salvaria Santa Cruz, se fosse possivel primeiro afastar Barras, Tallien, Fouché e Carnot... Napoleão salvaria o paiz, si tambem fosse possivel antes liquidar os inglezes.

O perigo do Estado não estava na irritação publica, mas no proprio Estado. A fallencia da politica provinha da insignificancia dos politicos, congregados todos para um mesmo fim, engordar! O vicio da bajulação inutilizava a iniciativa dos mais puros...

Perdigão sorriu... e confessou que Racine os conhecera bem.

« Détestable flatteur, présent le plus funeste
Que puisse faire aux rois la colere celeste! »

Segismundo pagou-lhe na mesma moeda, citando Gallois — « Ceux qui s'installent a poste fixe dans l'antichambre et les salons d'un prince sont les moins faciles a eloigner... »

E todos acharam, pela pronuncia de Segismundo, que aquillo devia ser francez...

O medico interveio com o seu diagnostico e disse que o vicio não era do bajulador e sim do bajulado... Os nossos homens publicos, affirmou, dão mais valor ao cretino que os endeuosa do que ao homem de bem que os previne. Elles adoecem e se irritam quanto lhes falta a voz acariciadora de um aulico...

A lisonja acalma-os, dá-lhes uma sensação de doçura moral... clinicamente, Cunha os considerava como soffrendo de pederastia cerebral.

Segismundo attribuiu semelhante falha de caracter á falta de competencia propria, por elles mesmos reconhecida.

O *eu* subjectivo avisava-lhes da incapacidade intellectual e elles necessitavam de amiguinhos que lhes dissuadissem do julgamento terrivel.

Conversando, parando, brigando, por vezes, chegaram os tres homens ao jardim do Passeio. O crepusculo começava a tornar a paysagem confusa. As lojas, em frente, com *vitrines* illuminadas, projectavam grandes claros no asphalto ainda morno. O jardim, deserto áquella hora de alimentação publica, offerecia uma quietude convidativa.

A penumbra tem sobre o homem o poder de despertar os pensamentos profundos que dormem no subconsciente, a espera de que as idéas fugazes, adornadas de lentejoulas frageis, desappareçam por dispersão...

Actuou na alma desorientada de Segismundo, levando-o a commungar com o espirito de Marx, para elle o maior cerebro que a humanidade tivera...

Segismundo pontificava que tres mentalidades escapariam da critica ruinosa e sobrenadariam através da poeira dos seculos: Napoleão, por ter prendido o papa; Marx, por haver criado a Internacional; e o Dr. Pedro, por ser pae extremoso da Guarda Pretoriana!...

E a discussão de novo azedou em torno da obra de Marx, que Segismundo pretendia, á força, apresentar como uma das mais serias manifestações do espirito scientifico...

O philosopho achou interessante que uma sociologia que pretendia basear-se apenas na sciencia, divisasse a historia humana através de um prisma meramente materialista.

E ainda mais digno de nota achou que Marx, o grande espirito scientifico para Segismundo, afim de attingir o fim indispensavel á evolução social, firmasse os seus principios, não na logica fria do raciocinio, mas na lucta cruel entre as classes. A sciencia do grande allemão, o S. Paulo vermelho que escreveu as maravilhosas epistolas para o Novo Testamento dos humildes, não se escudava na psychologia, mas no porrete. Não actuaram nelle as faculdades da alma, as tendencias e variações do espirito collectivo, porém a grande necessidade do pequeno ir ás fuças do graúdo, sem lhe pedir licença ou dar tempo de aparar o golpe...

Emquanto cahiam, no silencio daquelle recanto sombrio, as criticas ferinas do philosopho, o Dr. Cunha agitava-se, deslocando as visceras do seu avantajado abdomen. Quando a sua dose de pa-

ciencia fôra esgotada, elle desferiu o golpe retido:

— O' Perdigão! O que pode existir de scientifico na vida do homem que não se subordine a uma pura funcção da materia? O mal de vocês é pretender dar ao espirito prerogativas proprias, quando este é uma simples consequencia nervosa do organismo. Funccíona adstricto ao poder fundamental da materia viva. Morto o elemento plastico do tecido organico, tudo mais desapparece. A alma de vocês começa a cheirar mal...

E deu uma risada escandalosa, que assustou um casal que estava num banco perto, occultamente estudando o meio de desvirtuar a mathematica, pela prova de que um e um fazem trez...

O philosopho acompanhava-o com os olhos, admirado do enthusiasmo do amigo por um argumento ôco.

— Escute, Cunha, você diz que o espirito é portanto o proprio organismo em acção... Não tem autoridade, nem existe, emfim...

— Perfeitamente, concordou o medico, o organismo em acção, a materia em funcção, nada mais!

— E como explica você a telepathia? Como explica a sua medicina esse phenomeno? Será que

um mero effeito local é capaz de reassumir poder proprio e ir actuar como causa noutros sectores longinquos?...

— Forças ainda não definidas, replicou o medico; correntes electricas desconhecidas; mysterios da materia... Nós temos que nos apegar ao unico sentido positivo da vida — a materia! A unica origem explicavel — a materia! a materia! a materia!

— E pode você, Cunha, precisar essa origem? Como chegaram os elementos dispersos a constituir a machina delicada que é o homem, dando-lhe funcções distinctas, attribuições nobres? quiz saber Perdigão.

— Bolas! gritou Cunha, exaltado. Quem poderá dizer o que veio primeiro — se a gallinha ou o ovo...

— Os materialistas, como você, disse-lhe Perdigão, soffrem com a duvida fatal; os espiritualistas, como nós, sabem, pelas palavras de S. Paulo, que «O Verbo, imagem de Deus invisivel, foi, segundo os desejos eternos, a primeira creatura nascida, porque na sua incarnação a Sabedoria divina percebe a unidade total».

E, para Segismundo, que o espiava com muita attenção, soprou o philosopho:

— *Qui est imago Dei invisibilis, primogenitus omnis creaturae...*

Segismundo, que não comprehendera o latim do philosopho, respondeu com um sorriso, o meio certo de concordar, discordando...

— Logo, meu caro Cunha, insistiu Perdigão, o homem não pode ser um parafuso com estomago, como vocês pretendem.

— Sem duvida, fez Cunha, si é certo que acceito a bobagem de ser elle uma creação divina... E, esquentando-se mais, perguntou ao amigo qual a funcção que poderia ser attribuida ao homem a não ser a procreação, em casa, e a Usina, lá fóra...

Perdigão fitou-o alguns segundos. Naquelle olhar estava concentrada a piedade que sentia pela fraqueza mental do amigo e a admiração que lhe causava ouvir semelhante pergunta da bocca de um professor.

Poz-lhe a mão no hombro, já de pé em frente ao medico. Seu corpo pequeno parecia crescer, dilatar-se ao influxo das idéas que se agitavam em seu cerebro possante.

Por fim, indagou:

— Nunca leu o Manifesto de Outubro?

Cunha fez um signal negativo com a cabeça.

— Era de prever, disse o philosopho. Pois amigo Cunha, só tem uma cousa a fazer: é lel-o...

— Que diz essa joia? inquiriu Segismundo, de mãos no bolso, numa attitude semi aggressiva mixto de debique e curiosidade.

— Diz apenas isto, respondeu Perdigão:

— Deus dirige os destinos dos Povos. O homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o elevam e aperfeiçoam. O homem vale pelo trabalho, pelo sacrificio em favor da Familia, da Patria e da Sociedade. Vale pelo estudo, pela intelligencia, pela honestidade, pelo progresso nas sciencias, nas artes, na capacidade technica, tendo por fim o bem estar da Nação e o elevamento moral das pessôas. A riqueza é um bem passageiro, que não engrandece ninguem, dêsde que não sejam cumpridos pelos seus detentores os deveres que rigorosamente impõe, para com a Sociedade e a Patria. Todos podem e devem viver em harmonia, mas respeitando e estimando os outros, cada qual se distinguindo nas suas aptidões, pois cada homem tem uma vocação propria e é o conjuncto dessas vocações que realiza a grandeza da Nacionalidade e a felicidade social».

E, com a voz entrecortada pela emoção do enunciado, falou aos dous homens que o contemplavam. E' o que diz o Manifesto no seu capitulo sobre a Concepção do Universo e do Homem.

O medico segurou Segismundo pelo braço, excitadissimo:

— Vê, Segismundo, o que nos aguarda, caso elles vençam — uma republica clerical, cheirando a incenso e vela de sebo! Que é o Estado senão a expressão do esforço economico de um povo que obedece a normas de disciplina ferrea! E com as theorias aqui do Perdigão iriamos plantar, nesta terra cheia de sol e de força virgem, uma succursal de Roma, cujos decretos trariam o visto papal. Oh! Segismundo! E' preciso agir, fundar allianças, pregar bem alto por toda a parte, despertar o interior, varrer o perigo!...

Estava pallido, suado, com perspectivas de collapso.

— Você se engana, Cunha, disse Perdigão. O interior está firme no seu espiritualismo puro. Si vocês forem lá varrer alguma cousa, por certo sahirão varridos. Não confunda a liberdade de crença de um povo com submiissão clerical. Depois, o Estado não é o que você julga — a expressão do

esforço economico de um povo que obedece a normas de disciplina ferrea. O Estado é a organização politica, economica e moral de uma nacionalidade, isto é, a nação consciente do valor moral de suas unidades physicas. Para vocês, marxistas, o homem é uma machina inconsciente, um factor de força economica, emquanto que, para nós outros, elle é um ser superior, espiritualmente constituido e economicamente aproveitado para uma politica elevada. O communismo é um regimem que terá, sem duvida, algumas bellezas, mas a forma de governo adoptado para distinguil-o é pessima.

— E como pretendem os senhores integralistas transformar o Estado, inquiriu Segismundo, já com visivel respeito pelo seu antagonista, que elle focalizava como um elemento de valor a estudar.

— Já foi soberanamente dito, respondeu Perdigão, num documento publico. Sahiu, parece, no dia 22 de Janeiro deste anno... A imprensa divulgou-o e os homens que o leram disseram ter o mesmo anniquilado mentalidades liberaes democraticas e desarticulado a ossada de Marx...

Eu o conheço de cór, inteirinho...

— Queira dizer-nos, então, pediu Segismundo.

Perdigão acquiesceu.

E, no coração de uma cidade displicente, onde o individuo divorcia-se de tudo que se relaciona com os interesses da Communhão, em que o fogo patriotico já não dá labareda, mas fumaça tenue, Perdigão proclamou a transformação do Estado, repetindo as palavras sabias do Mestre, que a imprensa divulgára em 22 de Janeiro.

Com a sua voz firme, sem paradas de hesitação ou gaguejos de inconsciencia, falou:

«Não podemos nos cingir exclusivamente á transformação espiritual, porque temos problemas immediatos e, principalmente porque, dentro do actual regimen tudo se tornará mais difficil para attingirmos os objectivos moraes que collimamos. Emquanto a revolução espiritual se processa, por assim dizer, numa progressão arithmetica, a outra, a revolução cultural se opera numa progressão geometrica. Os resultados que iremos obtendo, em synthese, podem ser comparados á razão logarithmica das duas revoluções.

O problema da transformação do Estado subordina-se a uma concepção philosophica da qual decorrem as soluções dos problemas politico e economico. Partimos do principio da autoridade mo-

ral do Estado, do conceito ethico do Estado. Esse principio se origina da propria concepção do Universo e do Homem, encarados do ponto de vista totalitario, ou integral. A subordinação do mundo da *materia* e da *força* ao mundo do *espirito* e da *vontade*. A synthese das concepções scientifica e espiritual que marcam os aspectos das philosophias da Edade Média e do seculo XIX. Repellimos todas as unilateralidades tão caracteristicas do seculo passado. Assim fazendo, não condemnamos de um modo absoluto, os esforços prodigiosos dós pensadores, sociologos e economistas do seculo XIX. Entendemos que cada corrente se collocou num ponto de vista restricto. A sociedade tem de ser encarada de um modo total, não só em relação a seus aspectos formaes, porém á natureza e direcção de seus movimentos.

Não ficamos com aquelles que, como Spencer, subordinaram tudo á systematização do evolucionismo darwniano, justificando as oppressões da burguezia contra os trabalhadores; nem com aquelles que, como Le Play, Ratzel, Lapouge, Dedolins, pretenderam ver na geographia social a unica chave dos problemas politicos; nem com aquelles que, como Gobineau ou Gumplowitz, entenderam ver

toda a solução do problema ethico no mysterio dos plasmas germinativos; nem com Carl Max, que pretendeu ver uma unica face do Homem, a face economica; e muito menos com Adam Smith, precursor de Marx, que acreditou no dogma das leis naturaes em economia; nem com Sorel que pretendeu ver em tudo a luta de classe; nem tão pouco com aquelles que negaram a luta de classe.

Nós integralistas, somos homens do seculo XX, ao passo que os liberaes, os communistas, os reaccionarios da extrema direita, os socialistas timoratos, os republicanos positivistas, os scientifistas politicos são homens de uma época que se assignalou pelo sentido da analyse. Vivemos uma época de synthese. Quando as sciencias se encontram todas no recesso dos atomos, quasi se confundindo a chimica com a astronomia, a velha verdade de Aristoteles surge no fundo da mysteriosa harmonia da gravitação dos ionios, mostrando-nos em todas as expressões do Universo a differenciação, na unidade.

Essa fórma de mentalidade nova abre novos horizontes aos problemas politicos. O conceito revolucionario ganha uma nova significação, como direito do Espirito e transformação permanente do

Estado, guardada a lei ethica fundamental e objectivado o destino supremo do Homem, segundo uma concepção espiritualista da existencia.

O Estado passa a ser o Grande Revolucionario, falando em nome das inquietações, dos desejos, das aspirações superiores, dos sentimentos de justiça da Nação... O Estado adquire, assim, uma autoridade nova, sobrepairando aos interesses de grupos sociaes politicos ou economicos. O Estado passa a ser o supervisionador, o mantenedor de equilibrios, a concretização do ideal de justiça e de liberdade, o creador dos rythmos sociaes».

Quando Perdigão findou, Segismundo e o Dr. Cunha já estavam junto a elle, com physionomias profundamente alteradas.

Não pronunciaram uma só palavra. Mudos, tontos pela torrente que lhes cahira de chofre na cabeça, ambos concentraram-se em torno do pensamento do philosopho, sem objecção alguma ao seu longo enunciado.

Por fim, para quebrar o silencio incommodo que sobreviera, Segismundo disse:

— Pode ser...

A que o medico ajuntou:

— Fantasia...

— E porque fantasia? inquiriu Perdigão.

O Dr. Cunha reassumiu a direcção dos nervos e rodou rapido, num pé, o que poderia antes parecer impossivel a homem tão desproporcionado.

— Não ha ambiente, Perdigão. O povo é ordinario. Si você substituir a philosophia pela chibata, irá bem mais depressa ao fim.

Perdigão promptamente revidou-lhe:

— Foi por isso que o integralismo affirmou, no inicio desse documento de que me occupei ha minutos, que o movimento se processa em dois planos simultaneamente — O plano espiritual, mediato; e o plano cultural, immediato.

Nesse manifesto de 22 de Janeiro, você tem a prova, Cunha, de que o integralismo reconheceu publicamente que seria ridiculo si seus homens se apresentassem á nação como seres perfeitos, honestos, santos e heróes, reivindicando o direito exclusivo de governar o paiz. E disse mais ainda... Declarou que essa attitude de orgulho é que tem posto a perder todos os que julgaram salvar o paiz mediante simples revolução de quadros, simples movimento de homens.

Leia, Cunha, o que o integralismo escreve. Leia o senhor tambem, Sr. Segismundo, pediu o

philosopho. Esse documento que recito dar-lhes-á uma idéa nitida do nosso programma, de nossas attitudes, de nossa sinceridade.

Lá se encontra... lá diz que...

Perdigão concentrou as idéas e repetiu promptamente de cór a parte que buscára: — «A doutrina do integralismo, em relação ás questões de Estado, não vae buscar a sua inspiração no optimismo de Rousseau e de Locke. Pelo contrario, somos pessimistas em relação á possibilidade de uma instantanea transformação do homem, repousando toda a nossa esperança immediata na transformação do regimen, de modo a policiarmos as tendencias más que uma educação materialista aggravou no paiz. Não vamos aos excessos pessimistas de Hobbes, imaginando o Leviathan, o Estado absorvente, annullador de todas as liberdades. Conservamo-nos na linha realista, crentes de que uma obra systhematica de educação individual e das massas elevará a média das virtudes moraes e civicas do povo, cuja estructura mais intima nos revela traços de superioridade incontestavel.

Essa obra de educação é que nós chamamos a «revolução espiritual» e é em razão della que nos distinguimos tanto do fascismo como do hitlerismo

imprimindo um sentido profundo ao nosso movimento».

— Caramba! berrou Segismundo. O senhor tem memoria! Como consegue guardar de cabeça tudo isso!

— Não é tão difficil assim, explicou-lhe Perdigão. Para mim é facil, porque tenho convicções... O que relatei é a synthese organizada de idéas nobres e dignas. Todo homem sincero e culto pensará assim.

— E todos os integralistas possuem a fé profunda que o devora? Esse calor que o alimenta? Essa convicção plena?

Perdigão fechou as mãos e estalou os dedos, olhando uma nesga de horizonte, onde brilhava uma estrella.

— E' de presumir que tenham... E' pelo menos a esperança do chefe... respondeu.

De modo que o movimento é um canto suave; uma machina bem untada a deslisar sobre trilhos de velludo, disse o Dr. Cunha, meio ironico.

— Segure na alavanca e dirija, aconselhou-lhe Perdigão. Verá você que os solavancos são grandes e penosos... Quem o dirige, seu Cunha, soffre por meio milhão de homens, porque todos

os queixumes, todas as duvidas, todas as explosões do egoismo incontido ou da ambição irreprimida vão ter ao mesmo escoadouro. Só a fé inabalavel no destino da nacionalidade faz com que um unico cerebro possa chorar e rir por quinhentas mil pessôas!

— Vamos jantar, *seu* Perdigão, convidou o medico. Já nos fartamos de theorias philosophicas; completemos agora o *menu* com algo de mais solido e menos indigesto. Você vae jantar comnosco e o Segismundo tambem. Está feito? E não se abordará mais o problema materialista ou espiritualista. Combinado?

— Jantando, Cunha, continúa você a abordal-o...

— Como assim?

— Porque comer é dar alimento á materia para que o espirito se fortifique, revidou-lhe o philosopho.

— Pois vamos, então, fortificar o espirito alimentando a materia, completou o medico, puxando o amigo pelo braço.

Nesse instante, um cidadão fardado, distincto e elegante, com apparencia de almirante inglez

bem tratado, approximou-se do grupo, indagando delicadamente:

— Algum dos senhores é o doutor Perdigão?

— Sou eu, respondeu o philosopho, mas sem o doutor...

— Sou o Commandante Pimenta e rogo-lhe de ouvir-me, em particular, por alguns segundos, explicou o official.

Cunha e Segismundo afastaram-se um pouco, pelo que o official agradeceu pondo a mão á pala do kepi.

E disse ao philosopho que o presidente queria vel-o... Soubera que elle estava na provincia e desejava fallar-lhe. E completou, sorrindo:

— Ha varias horas que o procuro... Que luta! mas achei...

Perdigão lembrou-se então de que não havia ainda tomado hotel... Decidiu rapidamente ir para o Palace, na Avenida, e deu o endereço ao official.

— Estarei no Palace, ás ordens...

— Não, senhor Perdigão, o presidente convida-o a comparecer em palacio.

— Eu não entro em palacios de governo, Commandante, replicou Perdigão. Si o senhor pre-

sidente quizer ver-me, recebel-o-ei ás 10 horas, no meu quarto.

O Commandante Pimenta perfilou-se.

— Darei o seu recado, senhor. Si S. Ex. concordar, telephonarei... A's ordens!

— Anauê! fez Perdigão, erguendo o braço.

Juntou-se aos amigos, que ardiam por saber o de que se tratara, mas não tinham a coragem precisa para a indiscreção.

Perdigão nada contou. Quando os dous suppuzeram que elle iria desvendar o segredo, ouviram do philosopho apenas isto:

— Comer é bem prosaico, não é, Cunha?

— Depende do tempero, revidou-lhe o medico, desapontado.

E haverá, com efeito, algum ente tão infeliz, um tão abandonado, que não tenha um abrigo para onde possa retirar-se e onde consiga esconder-se de todos?

(Xavier de Maistre — Uma Viagem a roda do meu quarto).

Aguardando...

III

Quando Perdigão, de volta do jantar, penetrou no saguão do Palace, todas as attenções concentraram-se nelle.

A camisa verde denunciou-o e, de bocca em bocca, correu a noticia.

— E' o Perdigão!...

O philosopho, com a indiferença peculiar aos grandes cerebros, nem percebeu que era alvo de minuciosa investigação.

Olhou o *hall* illuminado com a mesma displicencia com que examinaria a entrada de uma casa de aldêa.

O luxo não despertava náquelle espirito o poder de fascinação que obtivera sobre quasi todas as mentalidades dos ultimos vinte seculos.

Tendo educado o seu espirito na belleza das conclusões superiores, com uma mentalidade criada ao calor das mais elevadas concepções philosophicas, que seducção poderia exercer em sua alma os dourados pifios de algumas columnas empoeiradas?

Que attractivo lhe poderia offerecer uma duzia de homens vadios, de *smocking*, ou outras tantas mulheres decotadas, cujas vidas, por insignificante, talvez fossem ainda mais insignificantes do que o panno de seus vestidos...

O *hall* regorgitava de desoccupados, que se occupavam comtudo em apparentar ao publico uma riqueza dolorosa.

Dolorosa porque era constituida de pequenas dividas, de letras vencidas, de ameaças telephonicas, de avisos bancarios...

Uma velha gorda, com sardas, derreada n'uma grande poltrona de couro, imitava com inexcedivel zelo a figura historica da americana millionaria. E, certa de que toda aquella gente por tal a tomava, assumia attitudes comicas, que ella julgava poderem bem enquadrar-se na arte excentrica dos espiritos fartos.

O philosopho, sem perceber as miserias que escurecem o ambiente da vida, tomou o elevador.

Seu quarto era no ultimo andar, com janellas para a grande arteria, áquella hora toda illuminada, com a profusão offuscante das capitaes cosmopolitas. O philosopho estendeu o olhar pela lagarta de fogo e só viu meia duzia de *chauffeurs* agrupados numa esquina, discutindo por certo a lisura de um goal. Reconheceu que a cidade possuia todos os requisitos da civilização, faltando-lhe apenas os elementos civilizados que a completariam — um povo consciente de seus direitos, com direitos conscientemente outorgados por homens com capacidade de fazel-o....

O criado, typo gordo, eternamente aberto num riso de espectativa, perguntou-lhe pela bagagem.

Perdigão sorriu e, pondo o dedo na testa, disse-lhe que a conduzia na massa cinzenta.

O Manoel, sem atinar com o sentido da resposta, acceitou o dito, abrindo-se num riso mudo, constituido apenas pela exhibição de uma dentadura larga, de dentes quadrados, que revelavam a sua origem montanheza. Era de Traz-os-Montes e disso se orgulhava, porque, dizia, dali nunca sahira um cardeal. Era atheu por nascimento, não

fôra baptisado; era atheu por indole, nunca tivera desejo de entrar num templo; era atheu por necessidade, pois affirmava que a falta de religião fizera a grandeza de Portugal, dando-lhe um Sebastião José de Carvalho e Mello — o grande marquez de Pombal!...

E pronunciava o nome todo, accentuando as syllabas, para mostrar que sabia bem quanto valia a personagem citada, que, completava elle: — *espinafrára* os *Jesuitas!*

O philosopho ouvia-o, divertido. Achava uma graça enorme naquelle latagão portuguez, que possuia, apezar da ignorancia completa em que crescera, uma idéa politica definida.

Agradeceu os prestimos offerecidos e concordou com a maciez do colchão, que Manoel fez abaixar e levantar só com a pressão de um punhado de dedos cabelludos.

— E' uma maravilha! disse-lhe o criado, sempre a mostrar a dentadura felina.

Pouco depois, quando Perdigão, já só, se preparava para a noite, o telephone tocou.

Era o Commandante Pimenta que avisava que S. Ex. estaria no hotel ás 24 horas...

— Tão tarde! fez Perdigão.

— E' preciso deixar que o povo durma, ponderou o Commandante. S. Ex. vae incognito...

Perdigão deu-lhe o numero do quarto.

— E esta! pensou o philosopho. Depois da meia noite todas as theorias politicas ficam envolvidas na nevoa da madrugada... Emfim, seja feita a vontade de Deus. E sentou-se junto á janella, com os olhos fitos nas tres Marias, meditando, coordenando as idéas, balanceando o dia, que elle julgava ter sido desperdiçado.

Da amplitude pontilhada de prata, em cujo tremeluzir tanta gente sente palpitar outras vidas, o philosopho baixou a vista para o acanhado espaço de seu quarto, peça querida dos homens de pensamento, e onde o velho De Maistre encontrava os prazeres que a existencia mesquinha das ruas nunca lhe poderia conceder.

Perdigão contemplou o alvo leito, ao canto, e recordou-se ainda de De Maistre, que encontrava, no calor da cama, o theatro que mais lhe fallava á imaginação e mais lhe despertava idéas ternas.

Era ali que as mães esqueciam as suas dôres, revendo, nos filhinhos acabados de nascer, o desdobramento de si mesmas. Era ali que a humanidade olvidava, durante metade da vida, os dissa-

bores da outra metade... Era no seu aconchego que o homem conversava de perto com a razão, sujeito á direcção fria da consciencia. Era ali que se formavam os espectros do mal e seccavam as fontes de bondade. Era ali que a humanidade alçava o vôo da Esperança e findava o cyclo das Miserias...

Xavier de Maistre tinha razão; a cama é um movel precioso na existencia bulhenta da humanidade.

O philosopho percorreu o quarto com os olhos, analysando-o detalhadamente, como quem deseja inspeccionar novos dominios.

Ao fundo, um vasto guarda roupa com espelho. Um lavatorio a seguir, tendo, ao lado, pendente de uma braçadeira de metal, fresca toalha de linho.

Perdigão reconheceu que o quarto era, de facto, o unico logar onde o homem gosa de uma liberdade incontestavel.

Por mais miseravel que o individuo seja, no seu quarto, elle é rei absoluto.

E a paz daquelles instantes seria em breve perturbada pela presença de um estranho! Perdigão franziu o sobrólho, aborrecido, sériamente contra-

riado com a insistencia do cidadão que menos desejava deparar na hora em que cabia ao Integralismo interromper o transito de uma civilização roida por todos os vicios nascidos de uma democracia liberal insustentavel.

Elle via o regimen — o tronco — apodrecido, ameaçando quebrar á primeira rajada mais forte, projectando no solo suas ramarias amarellecidas, cheias dos ninhos que haviam sido trabalhosamente construidos pelos innocentes passarinhos... Elle percebia a desgraça approximar-se a passos largos. O tufão roncava ao longe e a arvore não possuia fuste para sustentar o embate.

O philosopho, na solidão do seu quarto, do seu reino, chorou. Pelas suas faces pallidas rolou devagar uma lagrima — unica — symbolo da sua grande dôr, naquelle momento. Elle chorou por todos os companheiros que já haviam tombado; por todos os que tombariam ainda; pelas lagrimas que ainda correriam em tantos lares felizes, em cujas portas o infortunio espreitava, na sua ronda tragica!

Cerrou os olhos, contrahiu os labios, num gesto decisivo, e fallou, cheio de exaltação:

— Que venha o homem!...

Fala alguem na tormenta.

Infinita é a angustia do espirito. Por todo o planeta, perpassa um mysterioso rumor... Que extranhas vózes falam no rumor da procella?

E no rumor da procella ha vózes, ha algumas vózes que fallam...

Só as escutam os que conservam a consciencia da grandeza humana. Só as entendem os que trazem consigo a fortaleza do Espirito Perenne *e a permanencia das secretas energias indestructiveis...*

(Plinio Salgado — Do Soffrimento Universal).

Frente a frente!...

IV

Já passava muito de meia noite, quando bateram discretamente na porta.

O philosopho abriu os olhos. Escutou um instante e, confirmada a pancadinha, levantou-se para abril-a.

O presidente, encapotado, entrou rapido.

— Desculpe a demora, disse, mas tive de despistar uns *reporters* que me seguiram ao sahir do palacio. Eh! gente impossivel! Essa tropa dos jornaes derruba a republica á custa de boatos, de constas e noticias em negrita. Creia, senhor Perdigão, que 99 por cento dos males humanos nasceram no ventre da Marinoni...

— E o centesimo que falta donde veio? perguntou o philosopho.

O recem-chegado sorriu:

— Dos politicos verborragicos, promptamente respondeu.

— Queira sentar-se, disse Perdigão, offerecendo-lhe uma poltrona.

— Vou primeiro tirar este capote... Talvez que esquente o tempo... Depois preciso de braços livres para conversar á vontade... Temos muita cousa a abordar...

— Estou ás suas ordens, disse Perdigão, cruzando as pernas.

O presidente atirou o pesado capote na cama de Perdigão e sentou-se.

O philosopho tomou o capote nas mãos brancas e foi dependural-o no cabide. Sua cama, o movel precioso dos homens, não podia ser deposito de capotes!... Seria ferir de morte as theorias recordadas; offender De Maistre!

Sentou-se perto da visita, logo depois, e, olhando o homem, indagou:

— Que pretende de mim?

O presidente tamborilou com os dedos nos proprios joelhos, e disse:

— Precisamos conversar sobre esse seu integralismosinho que começa a dar-me cocegas...

Os senhores já estão avançando demais... Assim tambem, não!

— Explique-se melhor, pediu Perdigão. O que chama avançar demais?...

O presidente fixou o interlocutor, que o mirava firme, sem pestanejar.

— Nucleos por toda a parte... disse elle. Paradas de 15.000 homens em Estados pequenos... Infiltração na tropa... Na Armada... Disse-me o Mucio que a Brigada, ao saudal-o, muitas vezes grita — anauê!... Afinal, nesse pé, serei derrubado muito em bréve.

Perdigão sorriu...

— Nós não derrubaremos pessôa alguma pela força da traição. São os homens que caem por si mesmos.

Nosso programma era de 10 annos; depois, sem que tivessemos encurtado o prazo, elle ameaça ser de 5... Não fomos nós que corremos, mas os senhores que recuaram... Nós não subimos depressa; os senhores é que desceram vertiginosamente. Assim, meu caro presidente, queira queixar-se de seus amigos.

— Porque diz que recuamos? Acha, então, que governei mal?... Seja franco...

— Senhor! disse Perdigão sério. Ha varias formas de governo, bem distinctas. Temos o governo representativo, que é o nosso; temos o directo em que o soberano exerce o poder elle mesmo. Noutro ponto de vista, o absoluto e o legal. No primeiro, o poder é discricionario; no segundo, depende elle de regras preestabelecidas em codigos Constitucionaes. O governo de Santa Cruz, principalmente os provinciaes, fogem a todas as normas conhecidas. São representativos na forma, absolutos no exercicio. São legaes na essencia; discricionarios na pratica. De modo que não é possivel determinar, num exame rapido, quaes os maiores erros da administração.

Antes de tudo, faltam aos governos responsabilidades definidas. Ninguem sabe de quem provêm os erros, si do povo, por intermedio dos seus pseudo representantes; si dos governos, pela quebra das directivas legaes da nação. Nossa situação é a de uma casa em que todas as mulheres, avó, mãe e filhas — e todos os homens — avô, pae e filhos — peccam simultaneamente, sem que possam dizer a quem cabe a culpa da desordem...

Não ha respeito mutuo, porque não ha responsabilidade palpavel; não existe responsabilidade,

porque não ha justiça; não ha justiça, porque não ha moralidade.

— Oh! fez o presidente. Mais dèvagar, senhor! Não corra tanto...

— Eu ainda não comecei a andar, quanto mais a correr, revidou Perdigão, calmo. O senhor perguntou qual era a minha opinião sobre o seu governo e eu, para responder, tenho de estabelecer premissas.

Si quer uma resposta prompta, sem outras explicações, dar-lhe-ei, dizendo apenas — deixou que os seus auxiliares governassem fóra das regras estabelecidas pelo Codigo a que estavam subordinados.

— Não! Queira fallar abertamente... O senhor interessa-me muito. Então acha que governei mal... Em que sentido?

— Antes de mais nada, permittiu, sendo chefe absoluto do Estado, que o poder se fortificasse pela força das provincias e não que estas se tornassem fortes pelo poder central. Deu aos chefes provinciaes maiores prerogativas do que as que reservou para si, de modo que se prendeu ás suas ambições.

— Mas... interrompeu o presidente, não se esqueça da nossa organização politica... Nós somos varias nações de facto, congregadas em uma nação ficticia...

— De accordo, disse Perdigão, mas o senhor teve todos os poderes nas mãos a um só tempo. Porque não reformou tudo? Porque não deu ao paiz a organização compativel com as necessidades modernas?

O presidente riu-se.

— E' bôa! Como queria o amigo que eu lutasse contra a provincia do Xarque? Contra a do Café? Contra a do Queijo? Derrubar-me-iam no dia seguinte. Santa-Cruz deve-me esse grande serviço — o de ter aguentado unido um conjuncto de peças soltas que não mais se entrosavam. A historia far-me-á justiça, senhor Perdigão! Só eu sei como me aguentei no arame... Só eu sei como padeci para não metter o pé nas arapucas. Elles armavam o alçapão e ficavam de longe, com o barbante nas mãos. Eu fingia que não notava o golpe e os chamava... Quando elles se approximavam, pobres tolinhos, dava-lhes um «rabo de arraia» politico e os atirava na arapuca... Quan-

tos lá ficaram? Todos os que pretenderam derrubar-me!

E, batendo firme no peito, exclamou com orgulho:

— Philosopho, é por tal que dizem que eu sou de circo!

— E de circo estrangeiro, completou Perdigão, onde ha animaes raros, que andam nas patas trazeiras...

— Isso! fez o presidente rindo. Isso mesmo!... O senhor é dos que me comprehenderam...

E continuou exaltado, já de pé, a percorrer o quarto em toda a sua extensão:

— Os homens são ambiciosos... Queriam ser pagos do risco que correram em moeda sonante. Todos se apresentaram para cobrar os juros do capital — perigo corrido — logo depois da operação. Eu era um só pagador e em frente ao *guichet* estava uma multidão de portadores de *poules*. Minha situação era difficil, quasi insustentavel. Não havendo mais dinheiro na caixa, fui obrigado a tapeal-os. No inicio, acreditaram que a demora no pagamento provinha da falta de troco, mas depois, quando souberam que não existia o numerario, abriram a bocca no mundo. Nesse dia, creia

que sou sincero, arrependi-me de haver pretendido salvar um paiz com o concurso dos homens...

— Não se salva um povo com uma simples revolução de quadros, disse Perdigão, sorrindo.

— E que podia eu fazer, senão tirar os que estavam para collocar os que esperavam? Si os meus auxiliares tivessem visado o bem da patria, tudo se resolveria por medidas salutares, que beneficiassem a massa, mas elles vieram com appetite, reclamando o que eu não podia dar-lhes, allegando o que haviam feito, não pela terra que pretendiam salvar, mas pelas barrigas que desejavam encher. Oh! Senhor Perdigão! Não me recrimine por um crime que foi collectivo, por um defeito grave da propria nacionalidade, e que eu não podia sanar porque nasceu no dia em que o capellão da nau portugueza reclamou do grande navegador, como premio do erro que lhe atirou Santa Cruz nas ventas, o melhor pedaço da terra! E reclamou, depois de haver contado que a terra era graciosa, e que, plantando, dar-se-ia nella tudo... Nós somos, assim, as victimas indefezas da ambição secular dos luzos!...

— Discordo, disse Perdigão. Essa tendencia dos politicos pelos bens do Estado adveio das fa-

cilidades que lhes foram concedidas pelos homens incumbidos de zelar pelo patrimonio publico. Não é mal de origem, como diz, é mal de educação. Os senhores todos precisam fazer a revolução interior. Embora essa revolução seja lenta, necessitando de muito tempo para varrer os vicios pharizaicos que maculam os homens mais representativos do paiz, não é motvio para não inicial-a desde já. As futuras gerações colherão os lucros... Nós fazemos, juntamente com a transformação do espirito nacional, a revolução da cultura. O Integralismo, senhor presidente, encerra dous movimentos importantissimos para a raça — a revolução subjectiva e a revolução objectiva.

Si o senhor lesse com attenção o documento de 22 de Janeiro, veria como está errado nas conclusões a que chegou. Taes homens são culpados, ninguem nega, mais são culpados pelo exemplo que receberam de cima...

— Fantasia, *seu* Perdigão, fantasia de homem theorico, respondeu o presidente, parando no meio do quarto, com as mãos nas costas.

Para fazer a revolução interior que aconselha, teriam os homens de meditar... Si meditassem, perderiam a occasião opportuna de apanhar um

bom taco... E' complexo o problema. Não é assim como pensa, meu caro philosopho. Destruir todos os sentimentos de um povo, consegue-se em dous mezes de guerra, mas educal-o, aprimorar-lhe o espirito, é obra para varios seculos.

— Porque reagiu, então? perguntou Perdigão. Porque desarticulou a nação, se sabia, a priori, que não podia levar a termo nenhum programma? O senhor não era um estranho... Era um membro do grupo que dominava...

— Sim... fez o presidente. Era...

E, chegando-se mais para perto da cadeira do philosopho, confessou...

— O mal, meu amigo, veio do auxilio que tivemos de receber de homens que nos competia derrubar. A politicagem occultou-se no bojo do movimento. Um golpe tramado para liquidar uma epidemia trazendo no seio os mais violentos microbios dessa peste! Que fazer? Sem elles não seria possivel vencer...

— E' que os senhores não possuiam autoridade para desencadear o golpe, explicou Perdigão. O povo, muito embora o chamem de carneiro, de analphabeto, tem a intuição do bem e do mal. Si os seus propositos fossem elevados, não seria ne-

cessario o appoio da politicagem para a victoria. Veja o que se dá com o Integralismo. Um homem pobre, pauperrimo, sem empregos a conceder, sem influencia nos meios poderosos da administração publica, que levanta, com a força do seu verbo, uma população inteira! Arrastando comsigo dedicações extremadas, reformando mentalidades, criando homens de bem onde antes havia até criminosos! Porque? Será que elle seja portador de fluidos divinos? Um novo Messias, talvez? Não! senhor presidente! Elle não é nada disso; é simplesmente um brasileiro que deseja a felicidade de sua patria e diz, numa linguagem pura, o que pretende fazer. Para conquistar uma massa de homens, basta ser sincero.

Principalmente aqui em Santa Cruz, onde o individuo vive em desespero, a procura de alguem que o oriente e proteja com dignidade.

— Illusão! Pura illusão! gritou o presidente. Como o senhor é ingenuo, *seu* Perdigão!...

O povo é sabido... O povo é manhoso... O povo é carnavalesco... O que se passa com o senhor, no Integralismo, é deveras curioso. Ah! Isso eu não nego... Já o disse varias vezes aos intimos. Mas... mas... não haverá tambem um pouquinho de interesse nessa tropa que acompanha o Chefe?...

— E' possivel, disse Perdigão. O homem é e será sempre a incarnação do mal e do bem. Apenas, si descobrirmos interesse material ou ambição nos que envergam a camisa verde, em vez de contental-os, como o senhor fez, envial-o-emos ao inferno... Nós não acreditamos na pureza absoluta do individuo, mas temos fé na sua regeneração. Já foi escripto e divulgado que «somos brasileiros de bôa vontade. Amamos nossa Patria, cremos em Deus, estremecemos nossas familias. Queremos ser bons e fazemos esforço para isso. Esperamos que Deus, que poz a sua cruz de estrellas no nosso céo, nos inspire cada dia e nos ajude a cultivar as virtudes civicas». Não temos inimigos. Mesmo os communistas, já foram por nós julgados como espiritos desorientados pelos máos, victimas de um phenomeno de dôr. Elles virão a nós, com o tempo, quando sentirem que foram illudidos e quando tiverem a certeza de que do nosso lado haverá sempre um lenço amigo para lhes enxugar as lagrimas...

O presidente espiou-o algum tempo, como quem estuda uma nova especie humana...

Depois, com um sorriso ironico, que trahia pensamento fulminante, disse devagar:

— Palavra que desejaria vel-o no poder... Mas vel-o no poder com homens da força dos que me cercaram e ainda me tolhem os passos... O Aurelio, por exemplo. O general... Aquelle foi o unico que me deu dôr de cabeça... Além de muito esperto, muito culto.

E' um cidadão que resolve a quadratura do circulo! O Carlos Antonio — outro! capaz de mamar em onça acordada! Sobe em parede lisa! Chupa canna, assoviando, *seu* Perdigão!

Não tive apenas pichotes em torno de mim, tive azes, tive campeões!... Si todos fossem da força dos majores — o da provincia das Seccas e o da terra das Castanhas — que belleza!

Esses eu eliminei brincando. Foi jogo de creança. Soube que elles haviam feito um pacto secreto com o homem da provincia do Café, contra os interesses politicos de minha terra, e puni-os. O primeiro foi muito facil. Mandei o chefe Lima apresentar-se, combatendo-o.

Tendo de lutar ambos, enfraqueceram-se, o que garantiu a victoria da liga...

O segundo foi ainda mais facil. Chamei aqui o melhor esteio politico que o aguentava e disse-lhe que o mano Caim o iria trahir. Foi a conta...

Partiu como uma féra. Logo depois, chamei o major, e soprei-lhe ao ouvido: abre os olhos!.. Eu sabia que elles iriam comer-se em seguida, formando um bolo. Era justamente o que eu queria — um bolo...

E pensa o senhor que não sou homem para vencer o cidadão todo poderoso que governa a provincia do Xarque?

E' só querer... Elle já me armou uma, certa vez, pretendendo impor candidato para a terra do Queijo... Eu sabia bem que o golpe representava um preparo futuro, para a successão.

Mas, conhecedor profundo das proezas de Fouché, arrumei-lhe com outro, inesperadamente — o Bené.

Perdigão não dava uma palavra, ouvindo, com curiosidade, a explanação completa de uma politica liberal democratica.

— E' o que lhe digo, *seu* Perdigão, os homens são espertos... O senhor sabe que os inglezes venceram na India adoptando o mesmo systema que emprego aqui. Lá, elles dividem as tribus... Ao lado de um Rajah forte, outro forte Rajah, inimigo... No meio, como conciliador prudente, John Bull...

Ao lado das provincias do Xarque e do Café — ponho a terra do Queijo. Si as duas primeiras se unirem, o Bené fará o que lhe ordenar.

— E se as tres se derem as mãos?... inquiriu Perdigão.

O presidente riu-se.

— O Bené é muito timido para tamanha ousadia. Quando o puz lá, por um golpe de surpreza, é porque sabia que collocava no Estado a minha propria pessôa.

Elle não faz nada sem me ouvir... Não é facil, philosopho, derrubar-me. Eu não procuro conhecer a força dos homens, mas a sua fraqueza... Em politica, a victoria fica com o que primeiro percebe o ponto fraco da muralha.

Depois, *seu* Perdigão, o susto que o Bené levou ao ser escolhido só passará daqui a 4 annos. Elle ainda não se levantou do choque... Quando chegar a hora de ficar «sabidinho», terá soado o momento de pôr-se ao fresco. Tudo que faço obedece a um calculo de mathematica psychologica... Não lhe disseram que eu era de circo!...

— A's vezes, senhor presidente, somos illudidos pelas proprias formulas mathematicas que empregamos na solução dos problemas. Não é que as for-

mulas estejam erradas... Somos nós que desconhecemos o systema de desenvolvel-as. O senhor dá 4 annos para que esse Bené se refaça do susto que teve ao ser escolhido, mas bem pode acontecer que o homem se cure mais depressa, com uma bôa ducha fria...

— Si tal se der, meu caro philosopho, facil será adoecel-o de novo com uma bôa ducha quente... E olhe que eu as sei applicar...

— A's vezes, o duchista queima as mãos. advertiu Perdigão.

— Quando é principiante e têm medo do esguicho... explicou o Presidente.

O meu grande segredo está em nada dizer do que penso; em cousa alguma revelar do que pretendo... Si declarar uma intenção, não confie muito, porque frequentemente, no jogo politico, peço duas cartas sem ter trinca... E' preciso saber, porém, encostar o az ao par... Isso se faz de accordo com a estupidez do parceiro, e de vez em quando... O Aurelio, o general, por exemplo, é terrivel!...

Si encostava o az, para fingir jogo, e pedia duas cartas, elle, calmamente, me revidava — feito! Tonteava-me, mas eu depressa lhe descobri as manhas...

Quiz imitar-me, despistando o mundo, mas é neophito na arte... Enganou a muitos, mas a mim, nunca! Aquelle systema que adoptou, o da confusão, por vezes embaraçou-me, confesso; eu, porém, decifrei logo o *truc* e appliquei a contra offensiva Quando me soltava uma cortina de fumaça, na frente, rapidamente alçava o vôo e ia espial-o por detraz da cortina... Quantos casos cahiram sem consequencias!...

E' de força, o Aurelio, não tem duvida!... O mal do homem foi querer medir-se com um mestre, antes de ter a technica e o peso indispensaveis ao torneio. Viu o resultado? *Knock-out* no segundó *round!*...

E, como si pretendesse convencer o philosopho d'uma habilidade insuperavel, affirmou:

— E' asneira tentar illudir-me. Deus fez-me arguto e a vida — astucioso. Tenho o corpo fechado, *seu* Perdigão! Quantos homens conhece o senhor, intelligentes, fortes, que já foram politicamente esterilizados por mim? Quantos gallinhos já ouviu cantar na minha frente, para logo depois se encolherem sob o puleiro, cacarejando de crista cahida e depennados!

Quem tinha mais raiva de mim do que os po-

liticos da provincia do Café? E não acabaram humildes, fazendo direitinho tudo o que eu quero?

Eu, um inimigo de morte por elles considerado, quebrei toda a igrejinha do poderoso partido!

Fiz o que pessôa alguma antes conseguira. Dei-lhes palmadas, bôas palmadas! Desmanchei a bugiganga do P. P., e, apezar disso, tive-os todos, em seguida, a me tomarem a bençam!

— Mas se é tão habil, porque permittiu cahisse o paiz em tamanha confusão? indagou Perdigão.

— O senhor pensa que existe confusão, mas não ha. Para mim, está tudo em ordem. O melhor meio de encontrar um alfinete numa caixa de botões, Sr. Perdigão, é jogar tudo em cima da mesa, para clarear o scenario... Sem espalhar bem, ninguem separa o joio do trigo. Veja o que já consegui em materia de legislação social. Quer mais ainda? Leis completas. Leis para dar e leis para sugar. Sem communismo declarado, tirei do industrial para o povo e do povo para o Estado. Sem ouró, resolvi o pagamento de nossas dividas, estabelecendo, como norma, os *fundings*. Não é, de facto, um esplendido modo de passar o beiço, pagando? Em vez de ouro, enviamos um novo titulo. O que o banqueiro quer, *seu* Perdigão, é receber, seja lá

o que fôr. Sua indole de agiota necessita de qualquer cousa, ainda que de um papel com as armas da republica. Emquanto lhes entupo o bico com os nossos assignados, guardo o ouro metallico para cousas muito mais importantes. E' ou não uma politica sábia? Diga! seja franco!

— Não sei si pertence á economia politica, o seu systhema, mas é, sem duvida, uma politica economica, acquiesceu Perdigão, sorrindo.

— Isso!... Economica e sábia. Já demos demais, *seu* Perdigão. Ha emprestimos que já foram pagos 3 vezes! E ainda devemos quasi tudo! Olhe que ha patifes no Brasil!

— Si ha... fez Perdigão.

O philosopho perfilou-se na cadeira, ageitando o corpo para a investida.

— Diga-me, senhor presidente, está contente com a politica social que adoptou?

— Optima! gritou o presidente. Condemnam-me por ter iniciado em Santa Cruz normas de protecção social desconhecidas até então, mas ninguem percebe, que foram essas normas que me aguentaram...

Eu fui ao encontro das necessidades publicas, antes que os demagogos m'as trouxessem...

— Mas as medidas de protecção que criou, senhor presidente, caracterizaram-se -por uma directiva, pertinaz e erronea, no sentido de incutir na massa inculta a idéa de que está sendo explorada, de que é victima de uma injustiça grave... O nosso operario não foi educado, mas incitado para a luta. Sabe o qui fizeram, Sr. presidente? Sopraram ao ouvido do Touro que elle era mais forte do que o homem... Que usasse os chiffres, investindo cegamente contra o dono e contra toda a sua familia... Tal politica, aconselhada por Marx, criou no paiz o perigo communista, que não existia. Em uma nação ampla, de milhões de kilometros quadrados de terra virgem, sem inverno, sem aristocracia definida, essas leis implantaram a idéa communista que vae dar-lhe aborrecimentos terriveis, a não ser que o senhor compartilhe tambem das ideologias exoticas que vão lastrando...

E fitou o presidente, insistentemente, procurando arrancar o segredo que elle desconfiava estivesse dormindo na ultima camada das suas estratificações cerebraes.

O presidente sustentou o olhar e sorriu:

— Pensa, talvez, que eu seja communista?...

— Não sou eu que penso, disse Perdigão. E' a critica que o diz... Ouve-se por ahi...

— Explique-se melhor, pediu o presidente. Porque desconfiam?

— Pelo facto de permittir communistas occupando cargos de alta relevancia, disse o philosopho.

— Acha um erro? inquiriu o presidente.

— Grave! Muito grave!... replicou Perdigão.

— Pois meu caro philosopho, está equivocado. Quando colloquei taes homens em cargos de responsabilidade publica, fil-o de caso pensado... Foi para que elles depressa mostrassem ao povo que pretendem seduzir, pelas tolices que praticam, o nenhum valor de suas habilidades... Combato muito mais o communismo com esse systhema do que investindo, de chanfalho em punho, contra as cellulas organizadas no paiz.

Perdigão discordou. Esse methodo era perigoso numa Terra sem cultura, onde o povo se prende á palavra do primeiro demagogo que se apresenta.

— Nós, integralistas, pensamos de maneira diversa, senhor presidente. Achamos que o meio é improductivo. O homem, a quem confia um cargo importante, desmoraliza-se, é verdade, mas o sen-

timento publico fica anarchizado, apodrecido. Combate-se o communismo com uma administração perfeita. Outorgando ao proletariado uma justiça sã; dando-lhe garantias de vida absolutas; facilidades materiaes razoaveis, de modo a que possa educar os filhos e manter no lar a sua companheira, tão digna de respeito e carinho como as mais afamadas damas da elite social. Combate-se a idéa dissolvente offerecendo ao capital honesto garantias certas. Não permittindo que o capital se transforme em instrumento de opressão publica, mas seja, antes, um grande collaborador na obra nacional. Facilita-se a vida do pobre com orçamentos justos, dando rigoroso emprego aos impostos pedidos á massa.

O problema é integral. Todos os casos, que dizem de perto com a felicidade publica, estão presos a muitos problemas que ainda não foram abordados entre nós. A fartura, em Santa Cruz, não depende do café, nem do transporte, nem da cultura da massa, nem da falta de saúde da população; está subordinada a todos os problemas, porque a nossa administração tem de obedecer a normas totalitarias. Os senhores encaram hypotheses parciaes. E' o caso da provincia tal, do partido de A, da facção de B... Nós, integralistas, só conhece-

mos o caso nacional. Do Norte ao Sul, tudo deve marchar homogeneamente, pelo bem da Patria. Si ha alguma cousa a predominar, inicialmente, será o sentimento de justiça... A idéa da Responsabilidade.

A responsabilidade, gritou o philosopho com as faces banhadas por uma onda de sangue, é aqui degradante!

Creio que della decorre todo o descalabro que nos faz infelizes. A Justiça é um mytho. Falha, tardia e cara.

Feder, na Allemanha, propoz collocar, sobre o portão do Estado Nacional--Socialista, duas palavras: *Extrema Responsabilidade.*

Eu proporia outras duas para serem collocadas sobre o portão do Thesouro Nacional: Não furtes! E iria mais longe ainda, mandando escrever sobre o portão do Congresso: Tenham brio! Repito, o nosso problema é integral. Por isso, tudo terá de ser reformado.

O presidente concordou que tudo devia ser reformado em Santa Cruz As palavras do philosopho fizeram--lhe grande impressão.

Depois de alguns segundos de pausa, o presidente indagou:

— E o dinheiro para reformar tudo, Sr. Perdigão?

— Não é preciso, respondeu o philosopho. A ordem não custa dinheiro; basta o esforço pessoal, a bôa vontade do povo, uma disciplina consciente.

E continuou, cheio de enthusiasmo pela causa:

— Os nossos orçamentos, senhor presidente, não visam o bem do povo, mas a sua desgraça. A massa paga mais do que pode e para estranhos! O Estado transformou-se em cobrador de juros, por ordem dos magnatas que, de Londres e Nova York, nos olham com desprezo pela força do ouro accumulado á custa de nosso proprio suor!

— Reajamos! disse o presidente, exaltado. O seu Integralismo muito poderá fazer... O erro dos senhores reside na idéa que nutrem de pretender afastar-me. Eu não estou disposto a ceder o logar; e os senhores, do seu lado, não querem entrar num accordosinho... Logo — temos de lutar. Juntos, poderemos trabalhar muito... Pouco se me dá de ser presidente ou chefe; dictador ou rei... O que eu não quero é ceder uma prerogativa que me custou muito a conquistar. Eu posso ser o chefe

dos camisas verdes... Que diz ao plano?... Olhe que seria um golpe!...

— Perdigão tornou-se serio. Seus olhos brilhavam com uma intensidade desconhecida.

— O movimento é integral, senhor presidente... O senhor poderia, depois de muito bem doutrinado, sinceramente convencido da grandeza de nossas idéas, dirigir uma decuria. O Integralismo desconhece os conchavos, não sabe mesmo o que possa ser um accordo prévio. Os arranjos politicos existem na liberal democracia; entre nós elles são impossiveis, porque os homens, para nós, não valem pelo nome ou pela origem, mas se engrandecem ou morrem segundo o valor moral que revelam.

Faça por merecer; estude bem a nossa doutrina; inicie a revolução interior com sinceridade; que talvez possa chegar a secretario nacional... quem sabe?

— E' pouco.... declarou o presidente. O habito de commandar é como a morphina — intoxica... Ninguem mais, hoje em dia, retirará a hegemonia politica da minha provincia.

— Conta com o apoio dos «transitorios»? perguntou o philosopho.

— Não, *seu* Perdigão, ao senhor eu digo a verdade... Esses «trasitorios», tão falados, são como os soldados de Offenbach... Não existem. Eu deixo o boato correr, porque é prudente que o homem da provincia do Café sinta sempre, atraz de si, o roido suspeito de vinte mil pares de esporas... Isso ajuda a governar. Elles não passam de dois mil, na verdade. E, brincando com a gravata preta de perdigão, accrescentou, sorrindo: — é preciso um pouco de technica para governar Santa Cruz... A força moral exerceu grande influencia nos relatos historicos; na vida real, *seu* Perdigão, o que conta é o pau. Não se illuda. Com philosophia dirige-se bem um asylo de invalidos; um Estado, porém, é na marreta.

— Pensa então do mesmo modo que o outro, perguntou Perdigão, rindo forte.

— Sim... fez o presidente. Ha uma pequena differença entre nós. Elle levantou a marreta para os graúdos, para os sabidos; eu, não, metto a lenha nos tolos. Elle aggrediu os pastores; eu espalho o rebanho — a carneirada. Comprehende a differença? perguntou o presidente, piscando os olhos.

Já passava de duas horas da manhã. O philosopho, visivelmente fatigado, olhava o leito, com

desejo de esticar-se no macio colchão, que os dedos cabelludos do transmontano já haviam experimentado. O presidente, porém, não denotava intenção de partir. Pelo contrario, accendeu um charuto devagar, e começou a puxar forte, para intensificar o fogo! — E' como lhe digo, *seu* Perdigão. O homem quiz aggredir os sabidos... E, depois, meu caro amigo, errou muito no terreno economico.

— Qual o erro que aponta? indagou o philosopho.

O presidente olhou o tecto de estuque, colhendo os dados que necessitava. Deu uma excellente tragada e explicou:

— A reforma monetaria á custa de emprestimos... O ouro que deveria valorizar o papel moeda não era nosso... Bem pensado, esse ouro já representava compromissos externos. Já vinha para o Thesouro em estado de adeantada gravidez... A politica cafeeira foi um desastre! Deixar que o producto assumisse preços formidaveis! Um caboclo ingenuo disse-me, certa vez, que o preço valia mais do que o café...

— E a politica actual, quiz saber Perdigão, resolve o caso?

— Cabalmente para o Estado, philosopho, revidou-lhe o presidente.

— Como? insistiu Perdigão, curioso em extremo.

O presidente fechou o semblante, meditando. Depois, foi á janella e espiou o horizonte nublado. Voltou logo depois devagar até junto de Perdigão. Ouça: — Côlho 10 milhões de saccas, por exemplo... Queimo um terço, de graça, por conta do lavrador. Cobro impostos no valor de um terço para o Estado. Do terço restante, retiro uma parte gorda para o Banco, forçando o cambio...

— E o que fica para o fazendeiro? inquiriu Perdigão.

— Experiencia, filho! Experiencia... que vale muito mais do que o miseravel dinheiro. Ensino-lhe que o homem não deve ser imprevidente, gastador. Quando o café dava sessenta mil réis por 15 kilos, um furto, philosopho! Um assalto! Elle viajava em camarotes de luxo; jogava loucamente; seduzia mulheres difficeis! As casas de joias pollulavam como armarinhos de turcos! Hoje que o café só dá para o Estado, que viva o fazendeiro das recordações. A recordação, philosopho, segundo Le Bon, é muitas vezes superior ao facto vivido, por-

que o espirito que recorda só traz ao scenario os episodios doces, annullando tudo quanto provocou lagrimas. Fique certo, *seu* Perdigão, que sou um homem justo, enviado por Deus para punir uma nacionalidade displicente, epicurista, que encharcou a alma de theorias perniciosas, vivendo apenas para o seu sensualismo.

— Não teme os concorrentes? perguntou Perdigão.

— De maneira alguma. Eu podia, disse o presidente, arrazal-os... Bastaria para tanto, estourar o dique. Mas não convem que seja já. Sei que o presidente americano disse que nós abrimos um guarda-sol, á sombra do qual os inimigos prosperam... Deixe-os commigo. Eu mostrarei em que estado vão ficar as varetas e o panno desse guarda-sol... O senhor comprehende que elles perderão muito mais quando tiverem uma cultura larga. Eu quero dar-lhes uma pancada só, mas das bôas! Daquellás que o sujeito revira os olhos e banca a Torre de Piza...

— Não concordo, disse Perdigão, porque o mercado é um pouco feminino... Tem predilecções... Quando quizer assumir attitudes, elle imporá nor-

mas proprias e forçal-o-á a seguir a politica por elle determinada.

— E' baixo! philosopho. Seria preciso que eu não soubesse com quantos paus se faz uma canôa. Na hora H, lá vae obra! E' café por toda a banda. Pelo porto, pelas estradas de ferro, pelos ares, chovendo de aviões. O senhor decididamente não me conhece ainda!...

— Confie mais nos exemplos do passado do que na sua propria experiencia, aconselhou Perdigão. Lembre-se da borracha, do algodão, do fumo... Nossos compradores têm colonias e nessas colonias dá tudo quanto constitue a nossa actual riqueza. A politica economica do mundo, sr. presidente, basêa-se no fechamento de fronteiras, na guerra ao visinho... Isso é importante.

— Elles não poderão competir comnosco. Nosso café cresce como a praga da tiririca, *seu* Perdigão!... E' colhido de uma só vez e não de grão em grão, como acontece em todas essas republiquetas que pretendem abafar-nos. Ora, veja lá que sonho! Pedacinhos de terra vulcanica, espirros geographicos, querendo asphyxiar o colosso!

E o presidente descreveu a belleza das fazendas, com o cafesal em flôr, cobrindo os mamelões

da provincia, emmoldurando os valles, descendo pelos rincões numa profusão allucinante a verter para o seio da Patria o ouro indispensavel ás suas loucuras!...

Fez ver ao philosopho, ainda, que a vida colonial de certos paizes, embora mechanicamente bem apparelhada, padecia de um vicio muito grave — o do trabalho forçado... O escravo nunca produziu bem; no fructo do seu esforço fica sempre a humidade da ultima lagrima vertida; o perfume da ultima vingança idealizada.

— O seculo é nosso *seu* Perdigão, queiram ou não os homens da City.

Perdigão, porém, foi de parecer que um producto só é protegido por novos e prosperos mercados, com melhores meios de cultura, e não com leis coercitivas. Um producto valoriza-se pela qualidade e não pela escassez, repetiu ellé. Já que o café é nativo, abundante, valeria mais soltal-o a preços inferiores do que retel-o á custa de grandes despezas. Poupar-se-ia o dinheiro gasto com a valorização; dar-se-ia mais trabalho ao colono, ás companhias de navegação; e ter-se-ia ainda o lucro de afastar do mercado os agricultores novos. Que a massa de ouro fosse a mesma, ficaria ainda a vantagem dá

propaganda e desapparecido o onus da superproducção.

Mas o presidente discordava, allegando que as mais nobres regras economicas capitulam ante a imposição do espirito moderno, oriundo dos imperativos momentaneos. E o espirito moderno é tão exigente!... As imposições do momento tão graves!...

— E depois, meu caro philosopho, um paiz como o nosso precisa de tres pastas da Fazenda... Uma não chega. Necessito do Thesouro, do Banco e do Departamento... Sou forçado a jogar com os tres, simultaneamente, para ter os movimentos livres. E ainda é pouco, em face da ganancia da nossa gente... Meus patricios, *seu* Perdigão, escondem todos uma solitaria no intestino economico... Nada os satisfaz! São frieiras!

Pedem dous; dou tres; reclamam seis! Insaciaveis! Si nego, começam a rosnar pelos cantos, armando revoluções... Foi por tal que mandei votar a lei da garantia do Estado.

Perdigão soltou uma gargalhada forte. Era a primeira vez que o philosopho manifestava tão bom humor.

— Porque ri assim? quiz saber o companheiro.

— E' bôa! Muito bôa! disse Perdigão. Garantia do Estado! Nunca se tramou mais a destruição do Estado do que depois da celebre lei, senhor presidente! E são os seus proprios auxiliares que fabricam os planos de destruição. Vou lhe repetir o que foi dito numa noite, lá no Instituto de Musica. Ouça-me: — O paiz é um doente, que padece dôres agudas, que ameaça morrer de um momento para o outro. A familia, assustada, manda chamar um medico. Este chega, olha o doente de longe, não o examina, não faz diagnostico. E receita, porque elle grita, tres metros de corda, para amarral-o, e uma mordaça para o suffocar. O doente é o Estado; o medico o Congresso; a lei de garantias — a corda e a mordaça...

— Está enganado, meu philosopho, o exemplo não é bem o referido... respondeu o presidente, rindo tambem com bom humor. — Ouça-me: — O povo é um menino endiabrado, que não obedece, que vive a atirar pedras na casa do visinho... O Estado é o pae, homem cheio de afazeres, que não póde perder tempo em vigiar o terrivel garoto. A lei de garantias é a vara de marmello, flexivel, com nós de dous em dous palmos... O pae chama

o filho e diz — Estou cançado das tuas diabruras. Olha o que está ali no canto... E mostra-lhe a vara... Si repetires as façanhas, levas uma coça valente. Deixo-te de nadegas azuladas.

O menino póde continuar a atirar pedras, mas fal-o-á com muito cuidado, disfarçando... E será mesmo que elle insista no erro, sabendo que a vara não quebra e o pulso é firme?

— Mas se o pae, logo que elle repetir a travessura, não lhe applicar 12 varadas, a vara passa á ser um trambolho incommodo... E' o que está acontecendo, meu presado presidente. O senhor já teve muitas occasiões de deixar alguns com o posterior azulado e, no emtanto, não o fez. Seria um grande espectaculo para o povo, muito mais divertido do que os fogos de artificio da Feira...

— Não chegou a hora, philosopho, disse o presidente. Não quero que elles tenham direito a defeza... Pretendo apanhal-os com os dentinhos na casca do queijo. Elles julgam que me illudem, que agem no escuro. Eu sei de tudo que combinam. Escute philosopho, já viu algum dia vencer qualquer plano que seja do conhecimento das autoridades? Qual foi a mulher que logrou illudir o marido estando este de posse do bilhete em que são

marcados local e hora para o encontro? Deixal-os agir... Eu divirto-me com o caso. Gosto de embaralhar bem para depois desmanchar os nós... Este paiz é tão insipido, tão ignorante, que um presidente, si não fizer tal esporte, amofina-se e fica neurasthenico.

— Ha tanto que fazer, senhor presidente! exclamou Perdigão. O nosso plano integral absorveria a actividade de dous, de tres homens dynamicos!

— E' engano, *seu* Perdigão; Santa Cruz é uma aldêa. Faltam-nos os casos diplomaticos; as ameaças de fronteira; os projectos de conquista; as lutas internacionaes que distraem o Lebrun, o Mussolini, o Hitler, o George V... Eu sou um condemnado á pasmaceira. Mesmo que quizesse ventilar casos importantes, ninguem nos daria attenção. Nós somos, no scenario mundial, a pulga no pello do cachorro... Quando a pulga se mexe, leva logo uma dentada forte... Tem de ficar quietinha, satisfeita com a morrinha do bicho.

— E disse, ha pouco, todavia, que o seculo era nosso, ponderou o philosopho, sorrindó.

— Será nosso, sem duvida, revidou o presidente, mas teremos de agir, de gritar muito, de

ameaçar mesmo, antes que a attenção se desvie para cá. E' o que a China está fazendo, *seu* Perdigão. Fique certo de que a China entrou primeiro do que nós no caminho do progresso...

E o chinez é burro, como o senhor muito bem sabe. Comtudo teremos de imital-o.

O philosopho ergueu-se de um pulo, levado por um sentimento de revolta indomavel. Sua Patria retalhada pelas lutas desencadeadas pelos insaciaveis caudilhos! A' mercê dos demagogos destruidores, verborragicos microbios da mais temivel peste! Elle respirou forte, vendo já nos horizontes multiplos de milhões de kilometros de mattas, de cascatas, valles, montanhas, villas e cidades, a Floresta Verde dos milicianos. Aquella Quarta Humanidade que fôra cantada e que deveria fazer brotar dos escombros da sociedade materialista a flôr de uma juventude purificada!

— Nunca! gritou, dando um murro formidavel nas costas da poltrona.

O presidente sorriu de novo, mirando-o de alto a baixo.

— Não diga «nunca»! Esse *nunca,* na bocca dos homens publicos, é sempre o começo de toda capitulação politica...

— Nunca! repetiu Perdigão exaltado. O povo tem brio e quer a liberdade dentro da ordem.

O presidente fez-lhe ver a situação moral do povo, cuja indole fôra educada nos principios da bajulação ao forte, da subserviencia deante do poderoso, sentindo, nas entranhas, a cocega do instincto de conservação... E affirmou ao philosopho que os espiritos subalternos não toleram a liberdade.

— O Integralismo salvará a Patria! bradou Perdigão.

— Vocês, integralistas, contam muito com os juros e não prestam attenção ao capital...

— Que pretende insinuar, Sr. Presidente?

O interrogado olhou o tecto de estuque, soprando com força uma valente tragada do seu *louro queimado*.

Ninguem poderia affirmar que elle concentrava pensamentos, como Marinetti, para achar a forma nova de expressões sublimes, mas não erraria aquelle que avançasse estar o Presidente burilando uma idéa na esthesia suprema do artista que só concretiza a inspiração no marmore bruto após tel-a delirantemente esculpido na alma.

— Vocês contam com a adhesão em massa de

um povo hesitante, sem cultura historica, para quem o incenso do passado não vale a fumaça intoxicante da gazolina queimada... Vocês saccam sobre o futuro, abrindo um passivo muito perigoso na conta corrente da vida... Si tivessemos uma eleição amanhã, venceria ainda o candidato liberal democrata.

— E' possivel, Sr. presidente, replicou o philosopho.

E ajuntou logo, com um sorriso muito suggestivo:

— Mas venceria de freios apertados...

— Como? indagou o presidente, empertigando o corpo.

Perdigão estalou os dedos. Depois, fixando o seu interlocutor, disse, pausadamente:

— O Sr. sabe muito bem que a luta está delineada... De um lado — sua terra; do outro — o povo do café... Não convém, comtudo, o homem moço de lá, pela suspeita muito séria de vir a perder a Provincia do Xarque, com a victoria do Café, a sua tão presada hegemonia politica de hoje...

E- preciso, pois, garantir o sceptro. Para tal, faz-se necessario conquistar adeptos... E o homem do susto — o Bené das Montanhas — vale tanto

como a manilha, no solo. Por isso, foi lançada a candidatura do «eterno candidato». O senhor, porém, que é, sem favor, um politico sabidissimo, não deseja que essa apresentação parta do governador do Xarque.

Elle já é hoje uma figura dominante no Estado e, si ainda lhe couber a gloria da paternidade do seu substituto, ficará sendo uma segunda edição daquelle general que assassinaram... Subirá demais...

O presidente ouvia o philosopho com profunda attenção. Com o queixo apoiado na palma da dextra, não perdia um só dos seus movimentos...

— Então?... fez elle, pedindo a Perdigão que concluisse.

— E' urgente dar no torpedo lançado um golpe decisivo, disse Perdigão. O Senhor, por certo, já combinou o contra vapor com o seu pupiló das montanhas... Lançará na panella mais um gato morto... Queimará o velho Carlos, até agora de escabeche, e dará, na hora precisa, a voz de fogo... Quem sabe se não virá o seu amigo dos Estados Unidos?... O da Embaixada...

O presidente soltou uma risada gostosa...

— Palavra de honra, *seu* Perdigão! O senhor tambem é de circo!

— A companhia é sortida, senhor presidente, tem de tudo... Uns para o arame; outros para o arco...

— Ainda não me disse, explicou o presidente, por que virá de freios o candidato victorioso.

— Ah! fez Perdigão. Porque somos uma massa capaz de desviar a enxurrada para qualquer lado... Onde puzermos o pé — irá tudo razo. O candidato que tiver o nosso bafejo, viscejará e dará fructo.

— Lá isso é verdade, concordou o presidente, batendo com o pé no soalho encerado dó quartó.

E accrescentou, convicto:

— Vocês, de facto, representam uma força respeitavel... Lembrem-se sempre de que eu nunca os hostilizei... Pelo contrario, quando me pediam medidas energicas, eu sorria e virava a esquina... Sou, podemos concluir, quasi um camisa verde occulto... Pelo menos, sympathizante.

— Sim... fez Perdigão. Nós não o accusamos de perseguidor. Aliás, Sr. presidente, a perseguição seria para nós proveitosa... Nossa rapaziada precisa soffrer um pouco. Todos os movimentos sociaes que deitaram raizes foram cultivados nas la-

grimas. Um Camisa Verde que tomba, varado por uma bala, arrasta duzentos, quinhentos, atraz do enterro... E' preciso que tombem alguns fructos, para que as sementes offereçam novas arvores. O homem novo que vae salvar o Brasil — o Integralista — quando se alista, faz uma operação bancaria. Em troca do Ideal, dá a Vida em caução.

O presidente enthusiasmou-se e exclamou, com calor:

— Gosto dessa rapaziada! Palavra, que gosto!

— Diga-me, philosopho, um meio directo de vencer. Estou com as redeas nas mãos... Ensine-me alguma cousa... Que devo fazer?

— O contrrario de tudo que o Congresso lhe recommendar, respondeu Perdigão, sério, convencido da força do argumento.

O presidente ia retrucar quando bateram na porta.

— Entre! gritou Perdigão.

O Commandante Pimenta appareceu, livido, com os olhos desmesuradamente abertos.

— Perdão! A demora assustou-me... Julguei-o victima de um *complot,* disse ao presidente.

Este nem se mexeu. Perguntou apenas: — Que horas são, ó Pimenta?

— 5 horas da manhã, informou o seu secretario.

— O que, Pimenta! você esteve todo esse tempo ahi fóra!...

— E que frio, senhor presidente! Que aperto para não ser visto pelos retardatarios! Felizmente não passou um só guarda pretoriano durante toda a noite... Que encrenca si elles me notassem no mesmo ponto, rondando a porta...

O presidente confirmou que a ausencia da guarda pretoriana durante a noite era ás vezes salvadora...

— Partamos, disse, levantando-se da commoda poltrona. Vae começar a marcha a ré da republica... De noite, o paiz avança; de dia, pelo esforço dos homens, recua...

E, virando-se para o philosopho, perguntou:

— Então... apenas o contrario do que o Congresso recommendar para ser integral, não é?

Perdigão riu-se. E replicou, erguendo o braço fatigado:

— Anauê!

O dia rompia. Do lado dos morros, já se notava a claridade tenue que annuncia a aurora. O philosopho foi á janella. Viu ainda o carro do pa-

lacio que se afastava depressa. Sorriu. Meneou a cabeça pausadamente e pensou — errado, totalmente errado!... Mas se defende com a audacia de Napoleão...

Sob um signo propicio e um céo de bom agouro,
Semeei. A messe ahi está. Pensa agora, um segundo,
que não valem os grãos que ha nesse campo de ouro
o que um só me custou das dôres deste mundo!

(Guilherme de Almeida).

A ultima batalha...

V

A's oito horas da manhã, achava-se o philosopho deitado em sua cama fôfa, recapitulando tudo quanto se passára naquella noite sensacional.

O sol entrava pela janella aberta e cortava o crepusculo do aposento com uma cortina de luz, através da qual voavam particulas de poeira, dansando diabolicamente ao calor do raio luminoso.

O Manuel chegou com o café e uma pilha de torradas. Perdigão appeteceu-as.

Brindou o hospede com um «bom-dia» retumbante, logo seguido do riso mudo de sempre, que consistia em arreganhar os labios carnudos, num gesto quasi felino, de defesa...

Ao collocar a bandeja sobre o collo do philosopho, foi abordando o assumpto que tanto o consumia e que, desde a vespera, lhe mortificava o espirito indeciso.

Manoel tendia tambem para as idéas communistas....

Tendo-se naturalizado brasileiro, achava de seu dever immiscuir-se na facção que pretendia dar ao paiz novos rumos.

Lêra folhetos e boletins em larga escala. Chegára o pobre homem a uma conclusão muito simples da concepção marxista.

— Tainho cinco contos... Arrecebo mais cinco dos oitros... Fico com dez, que são um paculio regulare... E com dez já compro uma Quintasinha lá na terra.

E estava firme nesse proposito de dobrar o capital proprio, defendendo um regimen que visava justamente extinguir o capital alheio...

Era de opinião, antes pensava como Bukharin, que o Estado era desnecessario, por ser uma organização de classe que consistia em empregar o poder adquirido pelo esforço de todos na opressão de uma dellas — a que elle pertencia, por ser pobre.

E quando lhe perguntavam pelo responsavel da direcção, pelo elaborador da producção, pelo organizador dos orçamentos, Manuel repetia o que

lêra — a *Repartição de Contavilidade* e *de Estatistica*...

E, na sua ignorancia pastoril, quasi definia o pensamento de Engels, achando que a sociedade, reorganizando a producção sobre a base da livre associação de todos os productores, enviaria a caranguejóla governamental para o lugar que lhe competia: o museu de antiguidades, ao lado da roda de fiar e do machado de bronze...

Si o Socialismo Utopico e Scientifico de Engels desprezava a organização do Estado pela direcção de seus homens mais cultos, o socialismo pratico e manhoso do Manuel desprezava tambem as regras de actividade economica, pretendendo a conquista do *paculio* ambicionado pelo golpe agil do sequestro...

E tudo quanto fôra executado no mundo, relativamente ao conforto publico, o portuguez acceitava como esmola, allegando que principios egoisticos atuavam na mentalidade burgueza quando limpava as ruas em que elle residia, quando construia estradas de ferro, aqueductos, esgotos... Tudo era feito em beneficio da burguezia. A limpeza para evitar epidemias; as estradas e os aqueductos para que ella gozasse das facilidades da vida moderna...

Sendo o Estado uma associação de patrões, tudo quanto por elle fosse executado visaria exclusivamente o interesse do capital...

Esse o ponto de vista do Manuel, cujo cerebro já se achava intoxicado pelo programma que lhe fôra dado ler.

E o homem, firme nas idéas de Bukharin, admittia que todos os melhoramentos publicos, quando praticados por ordem da «Repartição de Contavilidade e de Estatistica», não seriam mais esmolas, porém lidimas manifestações da egualdade e da bondade humanas. Não seriam mais motivos de goso egoistico da burguezia, porém positiva demonstração de justiça social.

Assim, para o Manuel, como para o seu mestre Bukharin, o beneficio não estava na propria obra, mas no individuo que a mandasse executar...

Todos os crimes humanos haviam brotado no cerebro do burguez viciado e egoista. E o simples creado de hotel, levado pela palavra quente de Bukharin, affirmava que os operarios, na França, haviam até aprendido do burguez displicente a não ter filhos... Foram os grandes capitalistas, os aristocratas, os gosadores do suor dos humildes que sahiram, pela calada da noite, ensinando aos

infelizes os processos de evitar a procreação... Dando-lhes as pastilhas e os recursos mecanicos contrarios á concepção...

E quando essa burguezia criminosa appellára para o povo, no sentido de engrandecer a raça desfalcada, o mestre Bukharin veio ainda á lume para gritar que a burguezia queria mais gente afim de fortalecer os exercitos que deveriam garantir os seus capitaes!...

E Manuel repetia que o burguez respondia pela escassez de nascimentos, sendo ainda o criminoso directo pelo clamor em pról da uma natalidade mais farta...

Quando o Estado, na Russia antiga, defendia o patrão, o mestre Bukharin apontava-o como o instrumento de oppressão trabalhista, a serviço de uma casta privilegiada. E si esse mesmo Estado promulgava leis generosas, que visassem os direitos proletarios, elle immediatamente as classificava como fructos da covardia official, temerosa das gréves ou represalias violentas. Agia o Estado levado pelo pavor do capitalista, que raciocinava «ser melhor ceder alguma cousa hoje, do que ceder amanhã o duplo e arriscar, talvez, a pelle».

Essa gymnastica sueca de raciocinio trazia o

cerebro espesso de Manuel em duvida permanente. Elle não repudiava os ensinamentos, mas não percebia bem a logica das conclusões.

E appellou para o philosopho, solicitando-lhe a bondade de uma pequenina explicação, porque, como dizia, era um homem detentor de um capital de cinco contos, que fôra accumulado em varios annos de luta dura.

Perdigão apiedou-se daquelle pobre diabo, mettido a agitador social sem comprehender de leve o sentido das idéas que lhe competia acceitar e defender.

— Como oriental-o, filho, se não sei quaes são as suas duvidas! Não posso aconselhar-lhe a ingressar no integralismo, desde que me declarou ser tres vezes atheu — por atavismo, por sentimento proprio e por patriotismo... Nosso movimento é espiritualista.

Manuel coçou o largo queixo e disse, meio confuso, meio curioso:

— O melhor é mostrar a V. Ex. o folhetim que me deram... Vou buscal-o lá no quarto. E' um pulo... Não custa...

E trouxe depressa o fasciculo revolucionario

em que estavam synthetizadas as clausulas da reforma radical da vida de Santa Cruz.

Perdigão folheou-o vagarosamente, lendo aqui, lendo ali, sorrindo ás vezes, franzindo a testa por instantes...

E, passados alguns minutos, perguntou:

— Você comprehendeu isto?

— Lá muito vem, não *sinhoire,* disse Manuel.

Perdigão leu alto: — «O regimen capitalista morre porque contém em si duas contradições fundamentais: de um lado, a anarchia da produção, que conduz á concorrência, ás crises, ás guerras; do outro lado, seu caracter de classe, que tem como consequencia inevitavel a luta de classes».

Bukharin affirmava que o regimen capitalista *morria* e, comtudo, concitava o operariado a *matal-o,* considerando-o o maior responsavel pela desgraça do povo...

O final do folheto tinha algo de comico...

«No regimen communista, por exemplo, não haverá directores perpétuos de fabricas, ou pessôas que levem toda a vida no mesmo trabalho. Hoje, é o que se dá. Um sapateiro faz sapatos durante toda a sua vida e nada enxerga além de suas fôrmas; o confeiteiro passa a vida a fazer

doces; o director de fabrica o que faz é dirigir e mandar; quanto ao simples operario, precisa, toda a vida, obedecer e executar as ordens dos outros. Nada disto existirá na sociedade communista. Nella, todos os homens gozam de uma larga cultura e estão ao corrente de todos os ramos da producção; hoje administram, calculam quantos chinelos ou pães serão precisos fabricar para o mez proximo; amanhã, trabalham numa fabrica de sabão; na semana seguinte, talvez, numa serraria da cidade; e, tres dias depois, numa estação electrica».

— Comprehendeu? indagou o philosopho.

— Sim... fez Manuel. O homem terá de *tocaire* sete instrumentos.

— Sete não, disse o philosopho, mas setenta! O mesmo homem que calcula os chinelos hoje, fabrica pão amanhã, para depois fazer sabão, escorregando do sabão para a serraria, e acabando numa usina electrica!

— Sabe o que isto significa? inquiriu Perdigão.

— *Vesteira,* disse Manuel.

— E' isso, mais ou menos, concordou o philosopho. E esse Bukharin, *seu* Manuel, é apre-

sentado como o mais profundo interprete da obra...

— Já estou começando a *desconfiare,* seu *doitoure,* confessou o portuguez.

Perdigão riu-se. Elle não havia ainda analysado o trabalho e o ouvinte já se declarava desconfiado.

— Escute, disse Perdigão, acredita você que o prefeito, por exemplo, largue a commoda poltrona de governador da cidade para ir fazer sabão? Que esses pregadores da doutrina abandonem a delicia de suas sinecuras para serrar tóras de tres metros cubicos?

— *Tapeação, seu doitoure,* pura *tapeação.* Quem acreditar nisso, é *vurro.* Cá na minha *caichola* não entra.

— Pois é o que se contem nessa preciosidade que lhe deram, disse o philosopho.

— E lá no seu *partidinho,* como são as cousas? indagou Manuel.

— Nós não temos partido, *seu* Manuel. O integralismo desconhece facções, não admitte grupos. Tudo para nós subordina-se a uma idéa totalitaria. Nós pensamos bem diversamente do seu Bukharin... O nosso governo repousará na vontade das classes. O Estado por nós organizado

conterá em si o Estado economico, o Estado representativo, o Estado financeiro e o Estado cultural. Os municipios serão livres na defesa de seus interesses, porque só os moradores de cada um conhecem de perto as suas necessidades proprias. A Nação será organizada por classes profissionaes, que escolherão os seus representantes para as Camaras Municipaes. Estes, por sua vez, escolherão o seu presidente e o seu prefeito. Os que vierem para o Congresso Nacional apontarão o Chefe da Nação. Nosso governo será a vontade synthetica de todos os homens que trabalham e concorrem para o desenvolvimento do paiz. Por ahi já você vê como se torna indispensavel ao individuo, no regimen integral, occupar-se de uma actividade qualquer, pois della decorre o seu direito politico.

Você, por exemplo, é empregado de hotel... Tudo quanto disser respeito ao seu interesse será defendido por um homem escolhido por você mesmo, que conheça bem a sua profissão. Os assumptos referentes á sua classe não serão mais relatados por um medico, por um banqueiro ou por um official de marinha, mas pelo cidadão que já trabalhou na profissão e está habilitado a expôr

a procedencia da reclamação ou as vantagens das modificações suggeridas. Você não será obrigado a serrar tóras de vinhatico hoje e fabricar sabão amanhã... Nem influirá na escolha do seu representante o porta voz do politico tratante. Esse carrapato sugador desapparecerá, porque para elle não haverá mais ambiente.

Manuel, pensativo, mirava o philosopho. Via-se que o programma seduzia. Quando Perdigão se calou, elle disse, baixinho, como se fallasse para dentro de si mesmo:

— O que péga é a historiasinha do « Deus »... Não é tanto do « Deus », *seu doitoure*, mas do padre que está logo *dispois*... Eu gostei dessa coisa que o *senoire* me contou... O Bukharin está meio confuso... São capazes até de *acabaire* le*bando-me os cinco contos... Esse negocio de serraria e savão ao mesmo tempo...*

— Pode você, Manuel, explicar o mundo sem uma causa superior e sem um acto creador? Os dogmas novos querêm explicar o mundo appoiando-se em causas que estão nelle mesmo!... Admitte você que o homem seja o producto de uma série de transformações, um composto de moleculas organicas? Ou acceita você que o homem seja a

coroação de uma obra divina, com uma intelligencia que é, em summa, uma reducção da propria intelligencia de seu Creador?

Bateram á porta com força. Perdigão assustou-se. Manuel foi abril-a.

— Salve! gritaram a um tempo o Dr. Cunha e o amigo Segismundo.

Então, como dormiu? quiz saber o medico.

— Muito mal... Creio que não cheguei a perder conhecimento, informou Perdigão. E ajuntou logo: — estava aqui a provar ao Manuel, e mostrou o empregado, que nós temos uma alma e somos uma obra divina...

— Que crime, Perdigão! gritou o Dr. Cunha. Envenenar um espirito simples, um homem virgem!...

— « Semper discentes et nunquam ad scientiam veritatis pervenientes »... disse Perdigão, olhando o Dr. Cunha.

— Traduza isso, pediu Segismundo.

— Elles estudam sem cessar e não chegam, jámais, á sciencia da verdade, explicou Perdigão, calmamente.

— Porque não necessitamos procurar a ver-

dade, que existe e domina no campo scientifico em que penetramos, protestou o Dr. Cunha.

E, pondo a mão no hombro do amigo, numa attitude de quem faz um grande pedido, solicitou com voz cheia de carinho:

— Perdigão, meu caro, dynamite o seu subconsciente... Forme uma consciencia nova, livre das traiçoeiras imposições do passado. Fuja das tolices que dormem nas estratificações... Divorcie-se das pieguices de seus avoengos e abra o seu espirito á luz do seculo!

— Que me importa a luz do seculo, Cunha, si Deus me deu a Luz da Eternidade, disse Perdigão.

E, pela certeza de que o homem não é um composto de moleculas organicas, mas a reincarnação do Espirito Divino, o philosopho ergueu os olhos, contemplando o pedaço de céu claro que se via através da janella aberta, sentindo, na amplitude do espaço, a amplitude magnifica do seu Creador!

Que valor poderiam ter para elle as palavras do medico? As explosões materialistas de um cerebro sem esperanças, que finalizava a belleza da vida na poeira de um tumulo! Que subordinava

a generosidade, a alegria, a luz da existencia — synthese sublime da grandeza do Amor — ás manifestações puramente materiaes das visceras! E teve, nessa hora tragica, a certeza absoluta de que não valeria a pena existir desde que a vida espiritual do homem fosse apenas uma resultante de funcções organicas e o organismo o producto de uma série de transformações moleculares!

— A Fé de um homem, Cunha, nasce no coração... Quanto mais a pretendem extinguir, mais a reforçam, disse, sentando-se na cama, a olhar os tres homens que o espiavam — tres atheus, tres soldados do exercito materialista de Marx! Tres ovelhas desgarradas do rebanho que o Christo sonhára organizar no mundo.

O philosopho sentiu uma alegria aguda ao enfrental-os. Para elle, aquelle momento representava uma etapa de gloria no seu programma.

Olhou-os firmemente, certo de que os esmagaria com um sopro, porque não ha força mais poderosa do que a advinda da razão pura.

E, para elle, a razão pura só existia nos homens que pautavam as suas directivas na linha dos horizontes banhados pelo reflexo da Luz de Deus.

E nessa linha longinqua, o philosopho percebia,

nitidamente, os pelotões verde-oliva das milicias integralistas, que avançavam sem odios, sem outros intuitos a não ser a salvação de uma nacionalidade ferida de morte e prestes a mergulhar na confusão. Sobre elles, pairava a Luz que o alimentava naquelle instante e que o cerebro intoxicado do amigo Cunha não podia ou não queria divisar.

Não queria, porque elle subordinava a vida a principios scientificos, sem comtudo examinar as causas que haviam criado essas mesmas sciencias...

Não podia, porque a sua mentalidade não distinguia além das possibilidades da visão intellectual e lhe repugnava recorrer ao binoculo da razão — a Fé — como o nautico recorre ao oculo para pescar nas aguas distantes os objectos que a sua vista não mais alcança.

Segismundo ficára de lado, como espectador mudo.

Elle receiava a dialectica formidanda do antagonista, pois reconhecia a propria inferioridade para medir forças com tão valente adversario. Comtudo, arriscou uma objecção, para que o amigo Cunha não ficasse sosinho na liça!

— Parece incrivel, *seu* Perdigão, que homens de cultura ainda acceitem o mysthicismo depois

da argumentação terrivel de Voltaire... disse, medrosamente, como se quizesse evitar que o philosopho se irritasse.

Este, porém, esgrimia com denodo e revidava promptamente a todos os golpes.

— Sr. Segismundo, respondeu Perdigão, Voltaire, com toda a sua argumentação terrivel, provou ainda mais a existencia de Deus... Lembre-se das palavras de S. Justino ao discutir com os seus collegas gregos sobre a philosophia...

— Que disse elle? quiz saber Segismundo.

— Que a ignorancia dos sabios sobre as cousas divinas ficava sufficientemente provada através das suas mutuas dissensões... Emquanto que os mestres delle, S. Justino, não tinham sobre todos os pontos do dogma catholico senão uma unica bocca e a mesma linguagem, mantendo entre si, firme e inalteravel, todos os principios, embora houvessem escripto em épocas differentes e em logares diversos.

E si, por ventura, o meu caro Sr. Segismundo quizer dar-se ao trabalho de acompanhar o raciocinio de Monsabré, verá que podem ser cabalmente provados os tres maiores factos discutidos pelo seu terrivel Voltaire... — Deus, o homem e o

mundo. Deus pode ser conhecido pela luz de nossa razão. Elle revela a sua existencia e as suas perfeições na existencia e na perfeição das creaturas. Podemos até affirmar que, pela via transcendental, Elle é o Infinito sobre toda a linha do Ser e da Perfeição. O homem pode ser analysado pela sua propria natureza e pelas faculdades superiores que o distinguem de todos os demais entes do mundo.

Foi elle feito segundo a imagem divina e, pela graça do Creador, a sua alma vive, como a carne tambem palpita pela força da alma! O mundo é o scenario vasto em que mourejam os homens que hoje negam e conspurcam a Mão generosa que os fez! Para provar a obra divina, basta que vos faça sentir que, entre o homem, rei da terra, e o Infinito, Perfeição do Creador, pairam todos os abysmos immensos que esse mesmo homem desconhece, não explica e teme!

E, como Monsabré, a mim tambem não causaria pasmo ouvir dizer ao sabio Bellarmino que ha mais sciencia na cabeça de uma creança que conhece o cathecismo do que na cabeça de todos os philosophos pagãos e dos mestres de Israel. E, ainda como Monsabré, eu tambem accrescento — na cabeça dos philosophos sabios que só pro-

curam a Verdade no circulo acanhado onde se exercem as especulações da razão e as investigações da experiencia.

Manuel approvava o philosopho, meneando o táureo craneo e mostrando a forte dentadura. Approvava-o sem comprehender o sentido de uma unica palavra.

A primeira explicação dada por Perdigão sobre o sentido do pamphleto fôra sufficiente para despertar na alma daquelle homem assustado todo o enthusiasmo forte que começava a extravasar... E elle já sentia duvida a respeito do seu proprio atheismo...

Aquellas poucas phrases, proferidas por um individuo de cultura larga, actuaram mais no cerebro do trasmontano do que todas as explosões de odio dos fasciculos que havia lido.

Elle olhava Perdigão com quem contempla a imagem de um Santo. E atirava ao Dr. Cunha e a Segismundo, seus correligionarios da vespera, olhares ameaçadores, que mais perigosos se tornavam pelo trremor continuo das suas mandibulas.

O Dr. Cunha percebeu que Manuel fôra conquistado. Mais um desgraçado, pensou elle, para engrossar o exercito de agua benta de S. Santidade... E o medico reconheceu que a humanidade é fragil,

tendendo para tudo quanto vive envolto no mysterio. E pensou com desespero: — E' o subconsciente despertado... E' a voz do passado que accorda nas derradeiras camadas das estratificações humanas, trazendo para a vida moderna as adorações da época do bezerro de ouro... O medico estava possesso, pallido...

Perdigão, porém, não notára a alteração e continuava sentado na cama, defendendo o seu Deus com a tenacidade dos heróes romanos, que illuminaram as catacumbas e regaram com o seu sangue a semente lançada pelo Christo na terra fertil dos Cesares. E isto, porque o philosopho tinha consciencia de que esse mesmo sentimento religioso que o medico tanto condemnava fôra o motivo primordial da civilização da humanidade.

O medico apanhou o folheto que Manuel recebera, e, reconhecendo a obra de Bukharin, indagou:

— Quem trouxe isto?

— Eu! gritou Manuel, num tom que não admittia duvida sobre o sexo de quem falára...

— Para commentar por certo aqui com o Sr. Perdigão? inquiriu, irritado.

— « Sim sinhoire », confirmou o portuguez.

— Você é um transfuga, um traidor! disse-lhe o Dr. Cunha, colerico.

Manuel olhou o philosopho e, pedindo-lhe licença, exclamou:

— « Traidor é o raio qu'a ta parta! »

Segismundo avançou um passo na direcção do portuguez. Este encolheu o corpo, como o gató que depara em seu caminho perigoso galgo, assumindo a attitude do lutador que aguarda o golpe. Seu bigode grosso e curto arrepiou-se; o riso mudo contrahiu-se num gesto decidido; os olhos arredondaram-se; e o largo queixo avançou além da bocca, oscillando como um pendulo.

Perdigão não se commoveu. Disse apenas: — Quero ver agora se transformam o meu pobre quarto em arena.

— Foi bom que fugisse a tempo!... E Segismundo fulminou Manuel com o mesmo olhar terrivel com que Robespierre devia ter fixado o duque d'Otrante, na hora em que ambos, na Assembléa, jogavam a sorte de suas cabeças...

— « Eu não fugi, não sinhoire, gritou Manuel. Eu estava estudando o nigocio; não habia fichado coisa alguma. Eu não tainho culpa dos sinhoires misturarem o savão com a inlitricidade... »

— Você é um asno completo, advertiu-lhe o medico, atirando violentamente o folheto longe.

— « Cumpleto uma oba! gritou Manuel. Cumpleto não sinhoire, porque as urelhas e o ravo ficaram com bossa sinhoiria... »

Perdigão divertia-se, olhando ora um, ora outro. Aquella scena grotesca de *vaudeville* era, na sua vida de trabalho insano e pensamento profundo, um espectaculo digno de um congresso liberal democratico.

E o philosopho deu razão a Picard classificando a comedia como a imagem em acção dos caractéres e dos costumes ridiculos dos homens... Lembrando-se tambem de Boursault que a definiu como um *poema engenhoso* feito para apanhar os vicios e corrigir a vida pelo escarneo...

Os tres visitantes calaram-se. O Dr. Cunha aborrecido; Segismundo vexado; e Manuel meio desconfiado de sua attitude; receioso de que o calor do revide tivesse compromettido a gorgeta...

Perdigão estudava-os. Nos dous portadores de um titulo — o medico e o bacharel — elle divisava o orgulho do pergaminho. No creado, homem simples, especie de penna atirada ao sabor das correntes aereas, elle concentrou toda a sua sympathia christã.

O portuguez sentiu essa sympathia occulta e

sorriu para o philosopho, dando-lhe a entender que elle já era um bravo soldado da Foresta Verde. Si a crença em Deus se antepunha entre a sua ambição e a porta do Integralismo, Manuel sinceramente já se dispuzera a eliminar o obice, entregando-se, de corpo e alma, á protecção valiosa daquelle homem pequeno, que, á força de uma logica formidavel, assumira aos seus olhos a proporção de um gigante.

E, para irritar o Dr. Cunha, que elle desejava apanhar de geito nas tenazes ferreas de seus dedos cabelludos, disse para Perdigão, erguendo o braço bem alto:

— « Anauê! seu doitoire... »

Estourára a bomba! O medico comprehendeu a provocação. Segismundo tinha ganas de apertar o pescoço de Manuel si o diabo do homem o tivesse mais fino...

Manuel comprehendeu-lhe a intenção e falou claro, sem receio. Além do seu formidavel poder physico, possuia ainda a formidavel força moral do seu mestre, ao lado.

— « Benha, si é gente! disse, rangendo os dentes. « Experimente o pulso de um integralista... »

gritou-lhe, resolvendo por si mesmo o complexo próblema do alistamento...

— Perdigão levantou-se.

— Chega! Vocês acabarão engalfinhados e, no terreno das idéas, o que vale é a força intellectual.

— « Isso, seu doitoire! » approvou Manuel. « A força das idéas! »

E, avançando para o Dr. Cunha, repetiu energicamente: «A força das idéas! oubiu?... E' o que bocês não taem... » Estou com a consciencia averta e um homem de cunsciencia averta bale um toiro que cunhece o baloire dos seus chifres... »

— Vocês já estão acceitando estrangeiros no integralismo? perguntou o medico, com ironia.

— Elle é naturalizado, Cunha respondeu o philosopho.

— « E não sou cá dos da rabulação », explicou Manuel. « Sou por dicreto espicial, saiba o sinhoire ».

— E você acha, por acaso, que é mais brasileiro do que elle? indagou o philosopho. E' uma questão de geração apenas... Procure bem na ramaria da sua arvore genealogica que encontrará, por certo, em um dos galhos, um avô ou uma avó genuinamente portugueza.

— « Procure!... » gritou-lhe o Manuel. « Pro-

cure vem que bae dar com a dita escainchada lá nai arvore».

— Os seus partidarios, Sr. Segismundo, são todos brasileiros natos? perguntou Perdigão.

Segismundo engasgou... De repente, reapossando-se da calma, exclamou:

— Nós não temos patria! Para nós não existem fronteiras demarcando nacionalidades. Nós contemplamos o mundo como um paiz unico, em que os homens são irmãos na dôr, na necessidade e nas alegrias.

« Marx ensinou-nos a conhecer o verdadeiro paraizo. A todos os seus discipulos Marx prescreveu, como testamento, estudassem, antes de tudo, a vida tal ella é».

« Na Russia, actualmente, está abolido o dominio capitalista; as previsões de Marx realizam-se aos nossos olhos; a antiga sociedade desmorona-se. As corôas escorregam da cabeça dos reis e dos imperadores. Os operarios marcham...,»

— E o integralismo vence! bradou Perdigão, interrompendo-o. E o integralismo se affirma, criando, nesta terra infeliz, o homem novo, consciente, digno, que saberá, pela disciplina e pelo trabalho, constituir a Patria, com que sonharam os nossos

antepassados. E quando vocês, communistas, com os olhos de novo virados para Deus, reconhecerem o erro em que tombaram, sob a bandeira do Sigma existirá sempre para cada arrependido uma sombra confortavel, um peito amigo, um lenço macio para enxugar as vossas lagrimas! O communismo é um phenomeno de dôr. Os homens soffrem e pelo soffrimento se agitam. Nós curaremos essa dôr que vos afflige e vos daremos a consciencia pura que proporciona a tranquillidade.

O medico quiz aparteal-o, mas Perdigão não permittiu — Deixe-me acabar! gritou, energico, com as faaces inundadas de sangue.

— Vocês virão a nós no dia em que sentirem a nossa grande sinceridade. Não incutiremos no operario idéas de odio, que não temos, mas delle faremos um homem egual a nós mesmos, digno de estima e capaz de, pelo esforço honesto, cooperar no governo da republica integral. Queremos erguel-o, dar-lhe o ensejo de viver, tiral-o da submissão, para que seja tambem um cidadão e nunca um pária. Pretendemos offerecer-lhe os meios de educar seus filhos nas mesmas academias em que você, Cunha, conquistou o seu diploma, para que elle viva feliz ao lado da sua companheira satisfeita e forte, tão

digna de respeito como a creatura que mais prezamos. Nós vamos ensinar ao operario «a doutrina da coragem, da esperança, do amor á Patria, á Sociedade, á Vida, no que tem esta de bello e de conquistavel, da ambição justa de progredir, de possuir bens, de elevar-se, de elevar a familia».

Queremos um operario contente e não um homem cheio de amargura. Queremos um operario com garaantia de salario, «de fronte erguida; tomando parte em estudo, de olhar illuminado, como um homem livre; tomando parte nas decisões do governo, como um ente superior».

Queremos organizar uma Patria forte, farta, porque não se comprehende penuria e miseria num paiz que soffre o mal da plethora!

Queremos dirigir a economia para o bem da nacionalidade e nunca para da mesma retirar os proventos indispensaveis ás despezas occultas, que não podem surgir á luz dos orçamentos.

Queremos dar ao homem desorganizado de hoje o sentimento exacto da disciplina consciente. Liquidar de vez com a quadrilha politica que suga as melhores energias da Nação, rindo-se do povo que soffre e geme com a sua inominavel falta de generosidade.

Não temos ambições. Não almejamos o poder pelo poder. Não levamos comnosco sentimentos de vingança. Divisamos somente, no horizonte que pretendemos conquistar, uma Patria esphacelada que nos acena, que pede o nosso auxilio, debulhada em lagrimas!

Somos soldados enviados por Deus para salvar Santa Cruz e a salvaremos mesmo á custa de nossas vidas, porque viver sem dignidade é o mesmo que morrer, vivendo!

Christo disse que, ao voltar, não encontraria mais a Fé, *e* que até os Justos já estariam perdidos...

Roguemos a Elle que nos salve, para que sejamos um exemplo de Fé inabalavel, formando ao seu lado como a guarda heroica que não se rendeu!

Entoemos todos, em honra ao Sigma, a canção querida de nossa terra.

Ergamos o braço, numa attitude decidida de respeito e de coragem, e saudemos a Patria nas estrophes quentes do seu Hymno!

Braços ao ar! gritou o philosopho.

O medico e Segismundo não obedeceram. Pallidos, sem atinar com o sentido da ordem, olhavam

Perdigão, na espectativa de que o amigo modificasse o proposito.

— Braços ao ar! repetiu Perdigão, com uma energia desconhecida.

O Dr. Cunha e Segismundo continuaram firmes, olhando o philosopho.

Nesse instante, ecoou um berro surdo, especie de uivo de féra acuada. Era Manuel que avançava, de dentes cerrados, com espuma aos cantos da bocca, sustentando no punho de aço uma pesada cadeira de jacarandá.

— « Vraços ao bento ou lhes racho o raio da mioleira! »

O trasmontano estava sublime. Suas faces tremiam, seus olhos projectavam chispas, revelando a força da raça heroica que tantas glorias conquistára para o pequenino Torrão! E, como os bravos lusos que pelejaram pela grandeza moral da terra Lusitana, que dominaram o mundo, « recordando Ormuz em Chammas », o valente integralista inspirou respeito.

O Dr. Cunha e Segismundo ergueram o braço, não por covardia, mas pela emoção que lhes despertára o ardor de Perdigão, daquelle homem simples

e bom, que a Historia marcará por certo como o mais intrepido Salvador de uma civilização.

Naquelle quarto de hotel, ás primeiras horas de uma linda manhã, cantaram o Hymno da Patria, integralistas e communistas... As vozes vibravam cheias, claras como um toque de clarim commandando avançadas...

O' Patria amada
Idolatrada
Salve! Salve!

Na rua, cabeças inspeccionavam as nuvens, indagando do ceu a origem daquelles sons quentes, tão conhecidos do povo...

Terra adorada
Entre outras mil...

. . . . . .

Acordo e já tristonho
O anjo interroguei:
— Porque foi simples sonho
O sonho que eu sonhei?!...

(Belmiro Braga).

Despertando!

VI

— Eh! Hombre! Que hace usted aqui?

Perdigão acordou aturdido. Raiára a madrugada.

Na sua frente, erecto, com a bigodeira humida de orvalho, estacionava um agente de policia. O guarda mirava o philosopho, intrigado, a rodar no ar um enorme *casse-tête*.

— Dormi... balbuciou Perdigão, espantado.

— Está usted á interrumpir el sueño del pueblo! gritou-lhe o policia, indelicadamente.

Perdigão aborreceu-se. Levantou-se bruscamente, fixando a autoridade:

— Que importa interromper o somno de uma duzia de preguiçosos, si eu estava interrompendo o curso de uma civilização falsa!

O guarda examinou-o melhor. Perdigão levantou a gola do casaco e partiu.

O agente acompanhou-o com os olhos, coçando o queixo:

— Mira qu'el hombre és communista... disse.

O dia despontava. Borboletas já voejavam irrequietamente pela campina aljofrada...

Passaros brincavam nas ramarias humidas do arvoredo...

O philosopho alongou a vista, buscando o horizonte todo envolto numa luz estranha, mixto de purpura e rosa, de roxo e ouro, numa confusão de tons indefinidos...

Enfiou as mãos geladas nos bolsos da calça, suspirou com força, e disse commovido:

— Regressarei á Patria pelo primeiro vapor...

— FIM —

Não seria possivel, ao findar este livro, deixar de nelle incluir a entrevista que o insigne Chefe Nacional Snr. Plinio Salgado concedeu ao grande matutino carioca — Correio da Manhã — no dia 22 de Janeiro de 1935.

Esse documento, que considero uma das mais expressivas provas da pujança mental do homem que dirige os destinos da grande Floresta Verde, a cuja sombra a Patria dentro em breve repousará tranquilla, foi a luz que illuminou a alma do philosopho Perdigão. Foi nelle que o invicto integralista bebeu a essencia com que poude arrazar os espiritos contaminados que o encontraram durante o sonho que teve, lá nas terras graciosas de Felippe II...

E, para que o povo melhor o conheça, transcrevo-o na integra, desde já declarando que esse trabalho não tem similar, nem Marx jámais o poderia conceber, porque elle não é uma expressão de cultura apenas, mas a explosão magnifica de um espirito dotado de todas as qualidades que enobrecem e distinguem o genero humano.

EIL-O:

« A « Acção Integralista Brasileira » é um movimento revolucionario, não no sentido commum que se empresta a esta expressão, porém num sentido mais alto e profundo. Quando falamos « revolução integralista » não nos referimos á arregimentação de forças hecterogeneas e confusas, tangidas unicamente pelos descontentamentos collectivos e objectivando exclusivamente o assalto ao Poder. Este movimento, que é o maior do mundo em extensão geographica, abrangendo um territorio igual ao da Europa, e que é o mais impressionante da Historia Patria, desde o Descobrimento, é, tambem, como phenomeno espiritual, o mais expressivo dos tempos modernos, assim como é o mais typicamente cultural de todos os movimentos sociaes e nacionalistas contemporaneos.

A revolução integralista se processa em dois planos simultaneamente:

1º.) — o plano espiritual, mediato;

2º.) — o plano cultural, immediato.

No plano espiritual, o objectivo é *mediato,* porque para attingil-o teremos de levar muitos annos de doutrinação, de educação constante da massa, de esforço individual de cada um.

No plano cultural, o objectivo é *immediato,* porque o Brasil necessita, desde logo, de uma *transformação do Estado,* mediante a qual poderemos, como queria Alberto Torres, assumir nova attitude em face dos problemas.

A REVOLUÇÃO ESPIRITUAL

— Seria ridiculo que nós nos apresentassemos á Nação, dizendo: «somos os homens perfeitos, somos os unicos honestos, somos os santos e os heróes, só a nós assiste o direito de governar o paiz». Essa attitude de orgulho é que tem posto a perder a todos os que julgaram salvar o Brasil mediante simples revoluções de quadros, simples mudança de homens. Em 1930, brasileiros bem intencionados, porém tentados pelo demonio da vaidade, apresentaram-se á Nação como os «puritanos da Patria». Esse espirito de puritanismo não

permittiu que os problemas nacionaes fossem estudados na sua complexidade e nas suas mais profundas raizes, creando-se, apenas, o mytho da «moralidade administrativa», que, sendo um dever, não póde ser objecto de programma.

O Integralismo sabe que o Brasil não é um paiz de santos canonizados nem de anjos pulchros. A doutrina do Integralismo, em relação ás questões de Estado não vae buscar a sua inspiração no optimismo de Rousseau e de Locke. Pelo contrario, somos pessimistas em relação á possibilidade de uma instantanea transformação dos homens, repousando toda a nossa esperança immediata na transformação do regimen, de modo a policiarmos as tendencias más que uma educação materialista aggravou no paiz. Não vamos aos excessos pessimistas de Hobbes, imaginando o Leviatham, o Estado absorvente, annullador de todas as liberdades. Conservamo-nos na linha realista, crentes de que uma obra systematica de educação individual e das massas elevará a média das virtudes moraes e civicas do povo brasileiro, cuja estructura mais intima nos revela traços de superioridade incontestavel.

Essa obra de educação é que nós chamamos a « revolução espiritual » e é em razão della que nos distinguimos tanto do fascismo como do hitlerismo, imprimindo um sentido profundo ao nosso movimento.

PHARIZEUS E PUBLICANOS

— Ha no Evangelho uma parabola que serve para illustrar o nosso pensamento. E' a do pharizeu e do publicano. Emquanto aquelle vae se ajoelhar proximo ao altar, vangloriando-se de suas virtudes, da sua incorruptivel maneira de cumprir a lei de Moysés, o pobre publicano ajoelha-se na porta do templo de Salomão, exclamando: « Não sou digno, Senhor, de me approximar de vós ». O Divino Mestre affirma que o publicano está no caminho da perfeição e esse é o caminho que eu indico a todos os integralistas

O primeiro acto revolucionario do integralista é assumir essa attitude humilde diante da Patria. Em vez de viver apontando os defeitos alheios, procurar descobrir os proprios defeitos e corrigil-os. Confiar mais no genio da raça e na inspiração de Deus do que nos seus proprios meritos. Ferir de morte a vaidade, acceitando muitas

vezes o commando de um companheiro que tem uma posição social inferior á sua. Vencer a si proprio, contrariando-se, ciliciando-se a todo o instante em coração e espirito, convencido de que num paiz onde cada qual é intransigente no seu ponto de vista pessoal, não existe possibilidade de harmonia de movimentos nem de grandeza collectiva da Nacionalidade. Dominar o commodismo, a preguiça, o scepticismo, a desillusão, o cançaso, a impetuosidade, o egoismo, o apego ás glorias falazes, convencido de que ninguem tem o direito de pretender orientar uma Patria, quando não é capaz de governar-se a si proprio. Esforçar-se, instante a instante, na aprendizagem do dominio de si mesmo, pois é neste dominio que reside a essencia da autoridade pessoal de cada um. Cultivar o amôr ao seu povo e a generosidade para os que se manifestam incapazes de comprehender este movimento, porque a conquista de todos os brasileiros muito depende da perseverança, da paciencia, da tenacidade e serenidade dos nossos doutrinadores. Despertar em si proprio as forças do sentimento nacional porque a fusão de todas as centelhas de patriotismo de cada coração formarão a fogueira que incendiará o grande coração da

Patria Total. Pedir a Deus. coragem e paciencia, fortaleza e inspiração, energia e bondade, severidade sem alarde, bravura sem ostentação, virtude sem orgulho puritanista, humildade sem indignidade e dignidade sem egolatria.

LUCTA SUBJECTIVA E ACÇÃO OBJECTIVA

Essa é a revolução interior, a revolução espiritual. Nós sabemos que ella se processará devagar, porque estamos encharcados dos vicios de uma educação materialista, positivista, de uma educação pharizaica de catonismos hypocritas em que se esphacelou uma Republica que confiou mais nos doutores da lei do que na realidade da Patria e nas profundas verdades humanas.

Sei que essa Revolução espiritual durará muito tempo e o seu triumpho completo só se dará nas futuras gerações. E' por isso que, parallela a essa transformação do espirito nacional, estamos accionando a Revolução Cultural. Ha no Integralismo uma revolução *subjectiva* e outra *objectiva*.

TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO

Não podemos nos cingir exclusivamente á transformação espiritual, porque temos problemas immediatos e, principalmente porque, dentro do actual regimen, tudo se tornará mais difficil para attingirmos os objectivos moraes que collimamos. Emquanto a revolução espiritual se processa, por assim dizer numa progressão arithmetica, a outra, a revolução cultural se opera numa progressão geometrica. Os resultados que iremos obtendo, em synthese, podem ser comparados á razão logarithmica das duas revoluções.

O problema da transformação do Estado subordina-se a uma concepção philosophica da qual decorrem as soluções dos problemas politico e economico. Partimos do principio da autoridade moral do Estado, do conceito ethico do Estado. Esse principio se origina da propria concepção do Universo e do Homem, encarados do ponto de vista totalitario, ou integral. A subordinação do mundo da *materia* e da *força* ao mundo do *espirito* e da *vontade*. A synthese das concepções scientifica e espiritual que marcam os aspectos das philosophias da Edade Média e do seculo XIX. Repelimos todas

as unilateralidades tão caracteristicas do seculo passado. Assim fazendo, não condemnamos, de um modo absoluto, os esforços prodigiossos dos pensadores, sociologos e economistas do seculo XIX. Entendemos que cada corrente se collocou num ponto de vista restricto. A sociedade tem de ser encarada de um modo total, não só em relação a seus aspectos formaes, porém á natureza e direcção de seus movimentos.

Não ficamos com aquelles que, como Spencer, subordinaram tudo á systematização do evolucionismo darwiniano, justificando as oppressões da burguezia contra os trabalhadores; nem com aquelles que, como Le Play, Ratzel, Lapouge, Demolins, pretenderam ver na geographia social a unica chave dos problemas politicos; nem com aquelles que, como Gobineau ou Gumplowitz, entenderam ver toda a solução do problema ethico no mysterio dos plasmas germinativos; nem com Carl Marx, que pretendeu ver uma unica face no Homem, a face economica, e muito menos com Adam Smith, precursor de Marx, que acreditou no dogma das leis naturaes em economia; nem com Sorel, que pretendeu ver em tudo a lucta de classe; nem

tão pouco com aquelles que negaram a lucta de classe.

Nós, integralistas, somos homens do seculo XX, ao passo que os liberaes, os communistas, os reaccionarios da extrema direita, os socialistas timoratos, os republicanos positivistas, os scientifistas politicos são homens de uma época que se assignalou pelo sentido de analyse. Vivemos uma época de synthese. Quando as sciencias se encontram todas no recesso dos atomos, quasi se confundindo a chimica com a astronomia, a velha verdade de Aristoteles surge do fundo da mysteriosa harmonia da gravitação dos ionios, mostrando-nos em todas as expressões do Universo a differenciação, na unidade.

Essa forma de mentalidade nova abre novos horizontes aos problemas politicos. O conceito revolucionario ganha uma nova significação, como direito do Espirito e transformação permanente do Estado, guardada a lei ethica fundamental e objectivado o destino supremo do Homem, segundo uma concepção espiritualista da existencia.

O Estado passa a ser o Grande Revolucionario, falando em nome das inquietações, dos desejos, das aspirações superiores, dos sentimentos

de justiça da Nação. O Estado adquire, assim, uma autoridade nova, sobrepairando aos interesses de grupos sociaes, politicos ou economicos. O Estado passa a ser o supervisionador, o mantenedor de equilibrios, a concretização do ideal de justiça e de liberdade, o creador dos rythmos sociaes.

CONSEQUENCIAS DA NOVA CONCEPÇÃO DO ESTADO

Uma vez que o Estado se identifica com a alma de uma Nação e haure desta o poder revolucionario, elle, o Estado, tem o direito e a autoridade sufficientes para interferir com energia no campo economico e social, politico e financeiro, recompondo equilibrios, sempre que alguns elementos da sociedade se hipertrophiem em detrimento de outros.

E' a attitude nova em face dos problemas. Revolução, em verdade, é mudança de attitude.

Verificando que a democracia está disvirtuada por erros do systema; que o suffragio universal é a maior das mentiras, a fonte de todo o caudilhismo politico, o instrumento de oppressão dos ricos contra os pobres; que a existencia dos partidos decorre do suffragio e que os partidos são hoje em numero

tão grande (150 inscriptos no Superior Tribunal Eleitoral) que só servem para anarchizar a Nação, enfraquecel-a, dividil-a e alimentar a popularidade facil de demagogos inconscientes; que a maior enfermidade do paiz é o regionalismo politico, alimentado pelos partidos situacionistas e opposicionistas dos Estados que não dão tempo aos brasileiros de pensarem um pouco nos problemas geraes da Nação; que os problemas economicos são tratados pelo criterio exclusivamente estadualista, em consequencia da estreita mentalidade que os partidos provincianos estão creando; que o povo brasileiro está dividido e, por isso, enfraquecido, e estando fraco é explorado pelo capitalismo estrangeiro; que os parlamentos politicos constituem um entrave ás medidas de ordem economico-financeiras que só um governo forte, ethico, baseado em novos principios de economia politica, poderá tomar: o Estado Integralista terá de substituir, immediatamente, afim de salvar a verdadeira democracia das garras de olygarchias financeiras, o archaico apparelhamento dos partidos pela organização corporativa da Nação. Declarados os partidos fóra da lei, cada qual terá de se enquadrar dentro da sua profissão. A vontade nacional será traduzida com honestidade

e realidade, no ambito dos interesses de cada classe. Só os vagabundos ficarão de fóra, pois todo homem que trabalha, terá de defender seus interesses dentro da sua corporação. Estará acabada a demagogia tanto civil como militar, ambas perniciosas, ambas attentatorias dos legitimos direitos de um povo, ambas oppressoras, ambas fontes do caudilhismo, das olygarchias, da politicagem mais grosseira e pretenciosa.

Isto feito a Nação estará em condições de olhar de frente, cara a cara, o banqueirismo internacional dizendo a palavra que ainda não foi dita, desde que nos amarrámos ao pé da mesa dos magnatas de Londres, ha mais de cem annos. O Estado Nacional Integralista poderá então iniciar a *revolução da moeda,* fundamental para a libertação de uma Patria, de um povo de 40 milhões de habitantes e entravado na sua producção, no seu commercio, na incrementação de suas fontes de riqueza por um systema que vem sendo posto em pratica desde o alvorecer do seculo, com o fim exclusivo de facilitar as especulações indecentes das Bolsas, o jogo criminoso do cambio, a elevação das taxas de juros, a escravização de todos os productores.

Longo seria expor os pormenores dessa gran-

de revolução economica; entretanto, estamos certos, os integralistas, de que, dentro do actual regimen, não haverá geito algum de solucionar-se o problema financeiro do Brasil.

Nem o problema financeiro, nem o da justiça social. A social-democracia implantada no Brasil pela Constituição de Julho nunca resolveu as questões de outros paizes; pelo contrario, aggravou-as. A questão proletaria no Brasil se entrosa com todas as outras questões de ordem economica, financeira, ethica e juridica. Os socialistas no Brasil são da marca daquelles a que se refere Durkeim, dizendo que para elles o socialismo é apenas a questão operaria. Nós, integralistas, sabemos que o caso operario no Brasil terá de ser resolvido no conjuncto que forma o quadro totalitario dos problemas nacionaes.

VISÕES UNILATERAES

— Aliás, a unilateralidade é ainda um remanescente do seculo XIX, que temos de corrigir, nos brasileiros. Muitos pensam que a solução do nosso caso está, por exemplo, na questão dos transportes; outros que ella está na questão do café; outros só

pensam no combustivel, outros julgam encontrar a chave do livre-cambismo, ao passo que outros são proteccionistas. Muitos acham que a alphabetização é o unico problema, outros só falam no saneamento. Alguns só pensam no quadro economico, outros só pensam no quadro moral e religioso. Muitos reduzem tudo a uma questão de moralidade administrativa. Ha os fanaticos do problema dos latifundios como ha os que só se preoccupam com a organização cooperativa. Observo que a tendencia geral tem sido a de subordinar as questões mais complexas a um factor unico. Essa mentalidade os integralistas teem de combater, justamente porque a sua doutrina é totalitaria, é integral. Todos os problemas se reduzem a um só: o problema do Brasil. Tudo tem de ser enquadrado num só pensamento e subordinado a uma unica orientação geral e supervisionadora.

OS INTEGRALISTAS ESTUDAM

Puzemos agora, em intensa actividade, a nossa Secretaria Nacional de Estudos. Dividimos as tarefas segundo as especialidades. Orientamos as pesquizas, o trabalho das commissões num só sentido, inspirado na doutrina do movimento. Em todas as

Provincias funccionam as Secretarias Provinciaes de Estudos, em correspondencia com a Secretaria Nacional. São philosophos, sociologos, economistas, pedagogos, technicos, que puzemos em constante actividade, pois o nosso movimento é rico em valores culturaes. E' nesse sector que estamos operando a revolução da cultura, tornando cada vez mais nitida uma doutrina de Estado, creando futuros estadistas pelo recrutamento de valores novos que surgem de uma mocidade inquieta.

A DISCIPLINA

— A revolução espiritual nós a realizamos nos quadros da milicia dos «camisas-verde». Somos hoje 500.000 brasileiros que, em 802 nucleos que funccionam em todo o paiz, constituimos uma só familia. Os integralistas não dizem á Nação o que costumam dizer os puritanos e os pharizeus do Regimen, attribuindo-se virtudes super-humanas. Os integralistas exclamam: «Somos brasileiros de bôa vontade. Amamos nossa Patria, cremos em Deus, estremecemos nossas familias. Queremos ser bons e fazemos esforço para isso. Esperamos que Deus, que poz a sua cruz de estrellas no céo do Brasil,

nos inspire cada dia e nos ajude a cultivar as virtudes civicas».

O tempo que um integralista perderia fazendo accusações deve ser empregado fazendo exame de consciencia e corrigindo as vaidades afim de, um dia, quando tiver autoridade nas mãos, não assumir attitudes quixotescas alardeando superioridades ridiculas. O integralista sabe que tudo deve dar á sua Patria, que nada deve pedir a ella. Sabe que soffrerá injustiças, será alvo de mentiras, de injurias e calumnias, será ridicularizado por muitos e até apontado como louco. Abrazado pela divina loucura do amor da Patria, elle a tudo será surdo. Supportará com alegria todas as perseguições que porventura lhe façam por ser integralista. Soffrerá a aggressão dos communistas, defendendo-se, mas sem odio, porque o communismo é um phenomeno de dôr num espirito desorientado pelos máos. Nunca deixará de cumprir uma ordem de seus superiores, ainda quando a julgue errada, porque uma ordem certa e discutida vale menos do que uma errada e cumprida, porque esta, pelo menos, prestigia o principio da autoridade e revela em quem obedece um triumpho moral. Quem não sabe obedecer jámais

saberá commandar e o integralismo é tambem uma escola de commandantes.

A nossa disciplina condemna todos os conchavos, conspirações, porque ellas enfraquecem o principio da autoridade. Nossa propaganda é a descoberto, para que não haja compromissos de ordem particular. A essencia do regimen que desejamos é incompativel com processos machiavelicos. Toda a preoccupação dos integralistas é formar uma grande familia, presa pelos laços indestructiveis de uma doutrina e de uma solidariedade moral profunda. A nossa força vem dahi.

CARACTER BRASILEIRO DO MOVIMENTO

O que distingue o Integralismo dos movimentos nacionalistas que hoje se processam em quasi todos os paizes do mundo é exactamente o alto sentido cultural e o profundo sentido sentimental. Crystalizando, dia a dia, uma unidade de pensamento, o Integralismo não se baseia num homem, porém num systema de idéas. Seus alicerces, pois, são os mais solidos possiveis. O Chefe não passa de um simples miliciano que eventualmente exprime o principio da autoridade. Estamos realizando

um movimento para seculos e não para quatriennios. Não pretendemos uma dictadura porque só os povos barbaros toleram dictaduras, ainda quando estas venham disfarçadas em positivismos de segundo gráo. Não nos insurgimos contra homens, porque elles são productos dos partidos. Os partidos são producto de um regimen. O regimen é producto de uma civilização. Essa civilização é producto de uma philosophia de vida. Essa philosophia de vida é producto de uma attitude de orgulho do homem. E' aqui que encontramos o *pivot* do immenso machinismo da economia e da politica, machinismo descontrolado, sem rythmo logico. Seria longo estudar os aspectos geraes que assignalam o fim do seculo XIX. E' entretanto, no sentimento delicado do povo brasileiro que vamos encontrar a chave com que abrimos as portas do seculo XX. Para comprehendermos o movimento integralista é necessario comprehender a alma brasileira e sentir os dramas universaes. E essa comprehensão é mais simples do que parece. Basta libertarmo-nos de nós mesmos, isto é, dos prejuizos de uma civilização deshumana e de uma cultura livresca. Ser simples como a agua e como a luz. Ser pobre em coração e em espirito. A lição politica das nacionalidades está

mais nas cousas simples e bôas do que nas complicações com que o charlatanismo de um seculo que enthronizou o empirismo perturbou ainda mais as almas agitadas dos povos.

—«o»—

NOTA DO AUTOR

A Entrevista acima foi publicada no « Correio da Manhã » de 22 de Janeiro de 1935 — data do anniversario natalicio de Plinio Salgado.

Os Camisas Verdes cariocas haviam deliberado festejar o 40.º anniversario do Chefe Nacional com um sumptuoso banquete de 300 talheres, no Copacabana Palace. As escadarias do Edificio seriam occupadas pelos milicianos, bem como toda a frente do Hotel, na Avenida Atlantica.

Cerca de 2.000 homens tomariam parte nessa homenagem de carinho. Os discursos, do offertante e do Chefe Nacional, seriam irradiados, de modo a permittir que a voz de Plinio Salgado fosse ouvida, nesse dia, nos mais longinquos recantos do interior.

Quando maior era o enthusiasmo em torno da

idéa, eis que uma telephonada de S. Paulo liquidou de vez com todo o grandioso projecto.

Plinio Salgado prohibia lhe fosse prestada uma homenagem caracteristica das libações da democracia liberal. Não admittia, de modo algum, gastassemos dinheiro inutilmente, quando tantas escolas estavam para ser creadas e tantos infelizes para ser soccorridos.

E elle não veio ao Rio no dia 22 de Janeiro...

O banquete alludido não seria offerecido ao Chefe da Acção Integralista Brasileira, mas ao escriptor Plinio Salgado, cuja cultura já fôra sobejamente apreciada através de varias obras, taes como «O Esperado», escripta em Paris; «O Extrangeiro»; «Psychologia da Revolução», hoje fartamente divulgada; «O Soffrimento Universal»; «A Quarta Humanidade»; e outras muitas.

A essa homenagem haviam adherido varias personalidades de destaque nas classes conservadoras do paiz, nas lettras, nas sciencias... Era, portanto, um testemunho publico de valor do homem, feito por pessôas conscientes de sua dignidade.

Comtudo, o Chefe Nacional não permittiu a homenagem, que elle achava fugia ao seu program-

ma de trabalho, de estudo permanente e, antes de tudo, de regeneração publica.

Obedecendo a ordem dada, os integralistas não mais pensaram na homenagem e mandaram então rezar na Cathedral uma missa solenne em Acção de Graças por aquella data.

A's dez horas da manhã, desse dia, quando os milicianos em massa deixaram o templo, já não encontraram mais exemplares do «Correio da Manhã» nas varias bancas desta Capital. Correram depressa á redacção do Jornal e lá souberam que o numero estava esgottado.

Telephonaram para as officinas do grande matutino — nada! Esgottado!

E, todavia, os pedidos choviam de todos os lados, quer do Rio, quer do interior.

Deu-se, então, um facto quasi que inedito nos annaes da nossa imprensa. A Entrevista foi repetida no dia seguinte e o Jornal foi mais uma vez esgottado antes do meio dia.

Um documento de quatro columnas compactas mereceu, num dos maiores orgãos de publicidade sul americanos, duas publicações consecutivas!

Não a foi curiosidade politica do povo que o induziu a esgottar duas vezes a enorme tiragem do

« Correio da Manhã », mas, sem duvida, a belleza do documento foi que o levou a disputal-o.

Os mais ferrenhos inimigos do Integralismo confessaram a sua admiração pelo programma e, sobretudo, a sua admiração pela cultura do homem incumbido de desempenhal-o.

Esse Manifesto, que considero o maior jamais vindo á luz no Brasil, foi redigido por Plinio Salgado, rapidamente, com a facilidade com que elle costuma escrever os seus artigos diarios.

E Plinio Salgado é o Chefe Nacional dos Camisas Verdes!

* * *

FECHANDO O LIVRO.

O Sr. Plinio Salgado, Chefe Nacional da Acção Integralista Brasileira, tem sido cruelmente combatido pelos liberaes democratas, isto é, pelo grupo politico que subiu á boléa do carro republicano, em 1889, e ahi se conserva, commodamente, gritando com força, para que os animaes exhaustos — o povo — puxem a *caranguejóla*.

O Brasil inculto, vasto territorio de 8 milhões e meio de kilometros quadrados, sem vias de communicação, preso ás garras dos agiotas, forçado a manter um luxo que não pode por si só proporcionar, não consegue desenvencilhar-se dessa *Directoria* permanente, que se fez eleger em 89. Soffre, calado, todos os vexames; supporta, cabissbaixo, todos os sacrificios; chora, sósinho, a dôr de não ter um homem que possa dar-lhe a felicidade.

Emquanto o Estado decreta impostos iniquos e os homens publicos delapidam o producto do suor

do povo ingenuo, a Vida continua a mesma — *A* elege *B* e *B* promette, como agradecimento, eleger *C*, dando, ainda, aos filhos e amigos de *B*, gordas commissões, polpudos empregos, optimas sinecuras.

E não consegue a Nação fugir da equação politica, porque ao povo falta a energia que impulsiona o espirito, falta a educação, que facilita o raciocinio. Falta a decisão, que aproveita o momento justo.

O clima, o abuso do café, do fumo, dos prazeres sexuaes, entorpecem a mocidade, gastam o homem precocemente.

E os politicos liberaes democraticos, sabedores de que não devem temer uma reacção perigosa por parte desse povo adoentado, continuam de mãos dadas, explorando o Colosso, que o Hymno da Patria symbolizou como um gigante que dorme o somno da innocencia, *deitado eternamente em berço esplendido...*

Não convem a essa gente esperta e ambiciosa o apparecimento de um Mussolini, de um Hitler, de um Salazar, de um Kemal Pachá...

Isso iria derrubar a igrejinha quente do Congresso! Elles não defendem, portanto, um regimen, mas se batem como leões pelas proprias visceras abdominaes, que vão ser attingidas em cheio. Te-

mos de acceitar a reacção delles como um facto natural, muito comprehensivel e, até certo ponto, justa...

Eis por que o Sr. Plinio Salgado é combatido, atacado pelas costas, discutido sob todos os aspectos.

Quando esse homem, pela primeira vez, em S. Paulo, desfilou ao lado de duas dezenas de Camisas Verdes, os inimigos de hoje limitaram-se a rir. Era um louco que passava, tentando levantar o Colosso adormecido em berço esplendido...

Depois, quando a sua voz despertou o Sertão nordestino e massas começaram a ouvil-o com respeito, os liberaes democratas deixaram de rir, para affirmarem que o eliminariam na hora em que muito bem quizessem.

Com o correr dos dias, a massa cresceu, cresceu, attingindo cem mil homens. Nesse dia, os liberaes democratas iniciaram o seu primeiro ataque directo. O homem começava a tornar-se perigoso. E os dias continuaram a passar — a massa cresceu ainda mais, chegando a quatrocentos mil!

O Estado sentiu dôres de calo e veio a lei de segurança.

Aconteceu, porém, que um Poder legal havia

garantido a essa gente o direito de existir. Os que pensaram que o Integralismo agonizava nas tenazes dos artigos e dos paragraphos da nova lei, enganaram-se. Cruel e inesperada decepção!

O Sr. Getulio Vargas, de indole pacifica, recusou-se a desferir o golpe projectado. Houve um collapso geral nas fileiras da liberal democracia. E a massa continuou a crescer, attingindo a meio milhão!

Tornou-se uma força real. Uma força organizada e, mais do que tudo, disciplinada.

Uma força que obedece a um só homem e o faz com consciencia, livremente, sem cabresto. Obedece sem interesse vil, por ideal.

Cada Camisa Verde, tomando a si o encargo de levar ás urnas, além do seu voto, um outro, transformou o Integralismo na maior e mais solida organização politica do paiz.

Em 1938, o Integralismo, sem esforço, elegerá o substituto do Sr. Getulio Vargas, sendo, portanto, irrisorias todas as combinações feitas em outros sectores.

O Sr. Plinio Salgado, no seu livro « Despertemos a Nação », no capitulo — *A « Virtú » de Machiavel* — descreve, com felicidade rara, o estado

de nossa gente, em face das aspirações do homem moderno.

Diz elle, a pags. 111 — Temos de iniciar a nossa marcha, nesta hora de confusão, de indecisão e de tibieza, partindo para a luta, para o trabalho e a reconstrucção nacional, com uma dessas doutrinas. Refere-se elle á obrigação que o paiz tem de «decidir-se entre o criterio materialista, experimental, economico, technico, de organização das forças de producção com objectivo exclusivamente na distribuição igualitaria dos bens e dos confortos creados pela civilização, sem cogitar das outras aspirações do caracter humano; e o criterio totalista, a um tempo material e espiritual, a um tempo economico e technico, mas intellectualista e idealista, abrangendo todas as expressões da personalidade humana e do todo collectivo».

O Sr. Plinio Salgado analysa depois, com precisão, a arte politica dos homens. Essa arte feita *de intuições e de adivinhações, estructurada de pequenas sensibilidades e illuminada de clarões de genio nos momentos decisivos.*

Esse quasi «nada» e «quasi tudo», que distingue os estadistas de raça, é possivelmente aquil-

lo que Machiavel denomina, á falta de outro termo, a «virtú» dos homens superiores.

Ao Brasil tem faltado essa «virtú» nos seus homens publicos.

O Sr. Plinio Salgado affirma que nós possuimos todos os elementos para suscitar o apparecimento do nosso genio politico, que só poderá surgir de um movimento nacional. «Pois o Chefe exprime uma consciencia, uma cultura, uma unidade de propositos, e emquanto estas não forem creadas, não se terá estabelecido a corrente de pensamento, o estado de espirito propicio ao apparecimento de um interprete da Nação».

Pois bem, senhores brasileiros, essa consciencia, essa cultura, essa unidade de propositos foram attingidas no Integralismo.

E, como já possuimos todos os elementos indispensaveis ao apparecimento do nosso genio politico, conquistamos o cidadão que vae entrosar as peças soltas do *Gigante* adormecido, fazendo-o saltar do berço esplendido para as lutas do seculo!

Esse homem é o nosso Chefe Nacional, Sr. Plinio Salgado.

Comprehenderam, assim, os que me leem os motivos das guerrilhas movidas contra o cidadão

que nos dirige e que dirigirá, dentro de pouco tempo, os destinos do Brasil.

Teremos, n'um curto espaço de tempo, todos os elementos para collocar o nosso Homem no poder — quer pelo voto, que será o nosso caminho, segundo as ordens pacificas do Chefe Nacional, quer pela força, se o voto fôr rasgado e repetir-se a farça eleitoral de todos os tempos.

Eis, em synthese, as razões que levam os homens da liberal democracia a combater o programma da Acção Integralista Brasileira. Elles sabem que, emquanto não apparecer «O Homem», ninguem perturbará a paz em que elles vivem, no Seio de Abrahão do Thesouro Nacional.

Sentiram que o Salvador nasceu e que, em volta do seu lar, legiões fortissimas se congregam para defendel-o. Conheecem o perigo que correm e vivem os ultimos dias do Imperio Romano...

O que se passa no Conselho Municipal, onde um grupo de aventureiros vende a cidade em lotes, asphyxiando a população exangue, mostra, claramente, que se processa o assalto final, que começamos a viver os minutos que se seguiram ao grito do Commandante do «Principesa Mafalda», annunciando aos 1 e 300 passageiros a invasão das aguas — Salve-se quem puder! Escaleres ao mar!...

E, do mesmo modo que, naquella tarde tragica, navios accudiram para tentar salvar os velhos, as mulheres e as creanças abandonadas ao furor de uma multidão em panico, os Integralistas surgirão tambem na hora propicia, para proteger essa multidão sacrificada, que chora e treme nas sargetas da Vida, olhando com espanto o luxo asiatico dos politicos inconscientes, que passam em carros de 100 contos de custo, entrados todos pela porta secreta das verbas clandestinas.

Pode-se dizer, sem medo de errar, que cada gotta de gazolina que tomba no carburador dessas machinas de luxo, representa uma gotta de sangue furtada ao pobre, uma gotta de leite arrancada á lingua secca das creanças semi tuberculosas, que enchem os morros da cidade.

Vivemos os ultimos dias de Pompéa, ás vesperas da erupção repentina do vulcão adormecido.

E' preciso, pois, impedir a acção energica desse Homem inesperadamente apparecido, que pretende terminar com a orgia politica do seculo.

Os que se divertem, nos banquetes interminaveis da liberal democracia, acham um desaforo que a patuléa invada a sala e diga, com energia — basta de pandega, porque soou a hora das Verda-

des! Chega de champagne e de Caviar, porque *outro poder mais forte se alevanta!*

E' justo, sem duvida, que o Sr. Plinio Salgado seja combatido com todas as armas de que dispõem os espiritos sem escrupulo.

Quanto mais o combatem, porém, mais elle se affirma. Quanto mais investem contra o Integralismo e seus homens, mais adhesões para o fichario.

Inventem tudo que quizerem sobre o Homem que é o Chefe Nacional do Integralismo, porque, nós, os integralistas convictos, independentes, altivos, conhecemos a massa de que elle é constituido, sabemos o que queremos e queremos porque podemos.

Finalizo este livro com um pensamento antigo, que exprime toda a philosophia dos individuos que sentiram a Vida nas suas mais intimas subtilezas —

A perseguição é o chicote que faz galopar a idéa...

E, pelo Bem do Brasil, meus patricios — Anauê! Anauê! Anauê!

— FIM —

Rio, Setembro de 1935.

Explicação rapida aos aristarchos impiedosos

Quando, a pags. 24, disse que Perdigão não possuia o espirito philosophico de Renan, quiz apenas referir-me ao «espirito» revelado no livro «L'Avenir de la Science» — e segundo o qual só a «sciencia» permitte conhecer a grande Verdade. Esta, sem duvida, sob um ponto de vista religioso.

Si tivessemos de cotejar as mentalidades em apreço — a do Philosopho de Santa Cruz e a do escriptor de Tréguier, penderiamos para o lado de Perdigão. Si Renan se mostrou indeciso no inicio de sua vida, quasi padre — para depois, pela influencia de Bertholet, tombar nos braços de Hegel, Perdigão tem sido inflexivel na sua directriz, impondo sempre idéas bem coordenadas, reveladoras de um Ideal preciso, sem jaça, crystallino!

Contacto entre as duas mentalidades, só se nos afigura acceitavel o ponto que promana do livro publicado em 1872 — «Reforma Intellectual e Moral», em que Renan esboça o sonho de governar a França com uma elite intellectual e moral, capaz de constituir a aristocracia da **Dignidade**, justamente a que forneceu ao Integralismo o **Homem Novo**, soberanamente cantado no formidavel trabalho do Sr. Plinio Salgado — A Quarta Humanidade — obra que Perdigão nos disse haver devorado com largo e sempre crescente appetite intellectual.

Entre Renan e Perdigão, ha a differença que existe entre um homem que conhece bem o caminho e o que pára, nas encruzilhadas, para consultar a taboleta e ver a direcção da setta... E, por se tratar de Renan, o que não acredita mesmo nas indicações da setta...

Pagina 96 — Escrevi «Capellão» propositadamente, porque Pero Vaz Caminha trazia a missão de observar o sentimento religioso da equipagem.

C. V.

Br - Pol

Oha nara!